



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ-UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

LÍVIA MARIA DE CARVALHO SILVA

**QUANDO A MEMÓRIA QUESTIONA A HISTÓRIA: as interpretações em
torno de Luís Carlos Prestes**

PICOS, PI

2014

LÍVIA MARIA DE CARVALHO SILVA

**QUANDO A MEMÓRIA QUESTIONA A HISTÓRIA: as interpretações em
torno de Luís Carlos Prestes**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura
Plena em História, do Campus Senador Helvídio
Nunes de Barros, da Universidade Federal do
Piauí.

Orientador: Ms. Francisco Gleison da Costa
Monteiro.

PICOS, PI

2014

LÍVIA MARIA DE CARVALHO SILVA

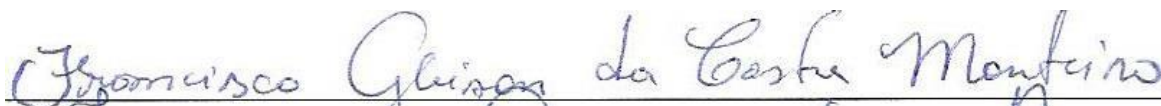
**QUANDO A MEMÓRIA QUESTIONA A HISTÓRIA: as interpretações em
torno de Luís Carlos Prestes**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura
Plena em História, do Campus Senador Helvídio
Nunes de Barros, da Universidade Federal do
Piauí.

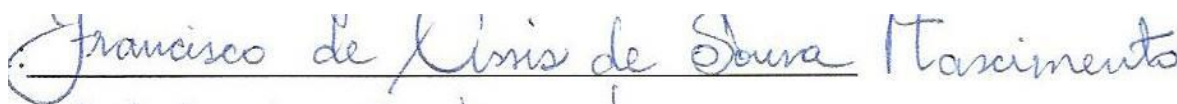
Orientador: Ms. Francisco Gleison da Costa
Monteiro.

Aprovada em / /

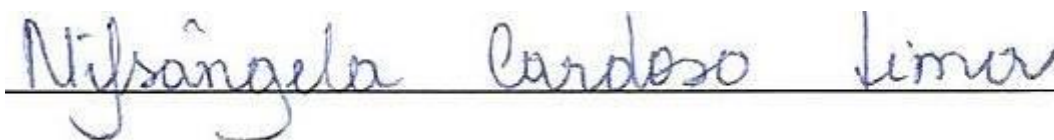
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro
Orientador



Prof. Dr. Francisco de Assis Sousa Nascimento
Examinador Interno



Profª. Drª. Nilsângela Cardoso Lima
Examinador Externo

Este trabalho é dedicado a todos aqueles que fizeram parte da minha trajetória e que se fazem presentes no meu dia-a-dia. Dedico em especial ao meu pai (*in memoriam*) e minha mãe que foram a base de toda efervescência do meu conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Chegada a hora de agradecer a todos (as) que contribuíram para a conclusão desse trabalho e no decorrer da minha caminhada acadêmica. Chegamos ao fim? Não, esse é só o começo de inúmeras batalhas que viram pela frente, mas concluir esta Licenciatura é mais que um sonho, é um desejo ardente de chegar aos poucos no meu devido lugar, principalmente com a ajuda e apoio de pessoas que fazem do meu trabalho mais digno.

Agradeço primeiramente a Deus pela grande oportunidade que me deu em estar aqui hoje concluindo mais uma etapa da minha vida, sem ele, minhas forças não seriam capazes de suprir todos os obstáculos que passei para se chegar até aqui, por isso agradeço imensamente pelo dom da vida e pelo dom de uma das minhas vitórias que aqui está sendo realizada. Agradecer aos meus pais José Guimarães da Silva (*in memoriam*) e Maria Josuene de Moura Carvalho Silva, que ambos são o alicerce da minha caminhada. Pai, o senhor partiu no meio dessa caminhada, juntei tudo que tinha; as forças que me foram dadas e segui em frente, não foi fácil sem você aqui, mas fiz do sofrimento algo grandioso. Fiz do choro a alegria que o senhor sempre quis ver e mesmo não estando mais aqui, o meu coração e pensamento estão sempre conectados a você. À minha mãe, que é a minha guerreira, a minha estrela-guia e quando me vi perdida no meio do caminho e achei que não suportaria os obstáculos, sempre estava aqui para segurar a minha mão. Obrigada por tudo, sem vocês minha vida não teria sentido algum.

Aos meus Professores que sempre se fizeram presente na minha vida e agradecer em especial ao meu Orientador Gleison Monteiro, a meu mestre Johny Santana e a Francisco Nascimento, professora Marylu Oliveira, e o professor José Lins, pessoas de um olhar fantástico e verdadeiro e de uma dedicação extrema e necessária para ajudar o alunato. São pessoas especiais para mim e cada um tem seu valor. Muito grata por fazerem parte desta minha história. Faltam-me palavras pra descrever vocês, simplesmente excepcionais para mim.

Não posso deixar de falar sobre pessoas que se fizeram presente na minha caminhada, como meu irmão Francisco Maurício, e os meus primos-irmãos: Eric Carvalho, Thamires Carvalho, Thais Carvalho e Saulo Luz pelo apoio e dedicação de vocês, pois foram de excelentíssima importância para a conclusão deste trabalho. Obrigada por me aturar todo esse tempo e me ajudar nas horas mais difíceis e que necessitava. Vocês se fazem presente em mim. Agradeço à minha família, minha tia Joanita Carvalho que para mim é como se fosse minha segunda mãe e sem ela minha vida não teria sentido algum, obrigada pelos conselhos e

broncas quando necessitava. Aos meus tios, em especial, Joselito Carvalho que sempre me apoiou em tudo e para mim é como se fosse meu segundo pai, esteve sempre ao meu lado nos momentos mais difíceis e Aleomar Cipriano pela dedicação necessária quando precisava de um ombro amigo e quando me via sozinha, ele sempre me estendeu a mão para me apoiar e ajudar em tudo que precisasse.

Enfim, agradecer a minha família como todo pela realização deste sonho, sem vocês não dá, não vale a pena a minha vida sem vocês. São minha maior riqueza. Não posso esquecer-me de agradecer aos meus amigos (as) que se fazem presentes na minha caminhada e foram os que me aturaram quando minha boca era TCC, me deram o conforto e aptidão necessária para fazer dessa vitória valer a pena, por isso dedico a vocês também essa minha conquista: Tiago Bruno, Linara, Raiza, Tácio, Eduardo, Deyvilane, Beatriz, Aylla, Layane, Ismael... Obrigada pela dedicação de sempre.

Deixar meu agradecimento ao meu amor, Ryldson Moura pela força e dedicação de sempre e esteve e está ao meu lado nessas horas mais difíceis e teve a paciência necessária para fazer meus olhos brilharem no momento e na hora certa. Você já se tornou algo importante pra mim. A Lourenço Júnior pela parceria de sempre, um amigão que fiz nessa caminhada e que pretendo levar para sempre na minha vida. As minhas princesas: Rhaynna, Rhaynne e Ana Beatriz (Aninha), fizeram dessa trajetória motivos de alegrias e orgulho para mim.

Agradecer em especial aos que não são amigos e sim irmãos que tive ao longo da minha caminhada, pois sem vocês magia alguma poderia me ajudar. Obrigada por tudo, fazem parte da minha família e do meu coração: Ionara Holanda, Nayara Holanda, Rayllan Lamaro, e Francisco Silva. E não podia deixar de lembrar-me dos amigos de sala de aula, aqueles pelos quais mais me aturaram nesta jornada acadêmica e que foi a junção de verdadeiras amizades e que vou levar para o resto da vida, são minhas pupilas e meus pupilos de hoje em sempre: Lidiany Veloso, Shayane Avelino, Laécio, C. Neto, Marcos Vinícius, Ricardo Carvalho, Anderson Gonçalves, Maria Francisca, Renata Souza, Priscila, Mariana, Larice, Rosinha. São pessoas que se fazem presente no meu dia a dia e na minha vida, isso sim se chama amizade.

E a minha turma como um todo, pois são pessoas que sempre carregaram brilhos nos olhos e forças para sempre irem mais além. Vocês não só fizeram parte da minha história, como fazem até hoje. História 2014.1, fez a História acontecer de verdade. Sou grata por tudo que o Senhor me deu, minha vida, minha história, não teria sentido sem vocês aqui. Amo Vocês!

Por Jetro Fagundes()*

I

Lá pros extremos do sul brasileiro
o rio Guaíba viu alegre aparecer
um histórico cidadão guerreiro
que lutava bravamente pra valer

Luís Carlos Prestes homem valente
lidera com a patente de Capitão
um respeitável grupo consciente
que lutava por real transformação

Como líder da famosa Coluna Prestes
combate com todos os seus ideais
uma tropa infestada de cafajestes
jagunços, pistoleiros, capataz...

Nos anos vinte o que muito se via
era a Coluna Prestes pelo Brasil
combater retrógradas oligarquias
deitadas no berço esplêndido varoníl

Combatendo tantos tipos de esquemas
a Coluna nas cidades, zonas rurais
denunciava os anacrônicos sistemas
e pregava reformas políticas, sociais

Quem quiser ter noção do incrível
basta pesquisar o que aconteceu
A Coluna Prestes foi imbatível
nem de longe uma batalha perdeu

E se não derrubou os governantes
da República Velha desse Brasil
deixou marcas profundas, marcantes
conscientizando a sociedade civil

Muitos historiadores reacionários
tentaram e ainda tentam esconder
a coragem do Capitão Revolucionário
que fez estrago aos donos do poder

Seus atos de heroísmo, de bravura
pelo voto secreto, pela educação
causaram abalos nas estruturas
da República Velha dessa nação

E como um Cavaleiro da Esperança
por ele e pelos movimentos sociais
lutava por verdadeiras mudanças
sólidas, radicais e estruturais

Considerado um verdadeiro mito
líder lendário da Coluna Popular
após ter feito pra lá de bonito
é na Bolívia que vai se exilar

Na Bolívia exilado segue sua saga
até que um dia volta à terra natal
pra rejeitar a proposta de Vargas:
chefiar tropas da Aliança Liberal

Nesse período o Capitão Revolucionário
numa viagem lá pros rumos de Moscou
conheceu a guerrilheira Olga Benário
alemã com quem apaixonado se casou.

Jetro Fagundes
Farinheiro Marajoara

RESUMO

O objetivo desse trabalho é analisar as interpretações em torno de Luís Carlos Prestes fazendo assim as contraposições em torno deste, levarei o trabalho a um diálogo entre as historiografias e os documentos. Como arcabouço teórico será utilizado os conceitos construídos por Michel de Certeau e a partir daí analisar o dito e o não dito em torno de Luís Carlos Prestes. Trazer para o trabalho em questão a interpretação de seu Possidônio Queiróz que irá fortalecer aquilo que se tem utilizado para a historiografia trazendo assim a distorção da verdade, verdadeira.

Palavras-chave: Coluna; Interpretações; Luís Carlos Prestes.

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze the interpretations around Luís Carlos Preste thus making the contrapositions around him, I'll take the job for a dialogue between historiographies and documents. As a theoretical framework will be used constructed concepts by Michel de Certeau and thereafter analyze the said and the unsaid around Luís Carlos Prestes. Bring to the job in question the interpretation of Mr. Possidônio Queiróz that will strengthen what has been used to historiography, thus bringing the distortion of fact, true.

Keywords: Column, Interpretations, Luís Carlos Prestes.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - O BRASIL REPUBLICANO	15
1.1 Alguns fatos marcantes que se perpetuaram no Brasil Republicano ..	15
1.2 Movimentos sociais no contexto Brasil Republicano	20
1.2.1 Movimentos sociais no centro urbano	20
1.2.2 Movimentos sociais no campo	22
1.3 O processo político nos anos de 1920	26
1.4 Movimento Tenentista	28
1.5 Arthur Bernardes	32
1.6 A Coluna Prestes	33
1.7 O início do movimento tenentista	35
CAPÍTULO 2 - A Coluna Chega ao Piauí	36
2.1 A passagem da coluna pelo Piauí	36
2.2 Quem é Possidônio Queiroz?	49
CAPÍTULO 3 - As Interpretações em Torno de Luís Carlos Prestes ..	54
3.1 Os comentários sobre Luís Carlos Prestes	54
3.2 Quem é Luís Carlos Prestes?	55
3.3 Interpretações de Luís Carlos Prestes	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	76
FONTES	79
ANEXOS	80
ANEXO A - Discurso proferido por Possidônio Queiróz a Luís Carlos Prestes	81

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mapa do itinerário percorrido pela Coluna Prestes	34
Figura 2	Passagem da Coluna pelo Piauí	39
Figura 3	Localização de Oeiras	45
Figura 4	Atual museu de arte sacra na cidade de Oeiras, antes “Casa do Canela”, onde se refugiaram os prestistas quando passaram por Oeiras	46
Figura 5	Seu Possí Com Luís Carlos Prestes e sua filha Anita Prestes	49
Figura 6	Medalha por Possidônio Queiroz- Oeiras(PI) – [192-?]	52
Figura 7	Luís Carlos Prestes e o Senhor Possidônio Queirós no dia do discurso em Oeiras proferido pelo Senhor Possidônio Queirós	71

INTRODUÇÃO

A intenção desta monografia, antes de tudo, é abrir outro leque na área da pesquisa em torno da Coluna Prestes. *A priori*, o trabalho era para ter sido perpetuado em Picos-PI, fortalecendo ainda mais o trabalho da Aparecida Wellika de Sousa (SOUSA, 2001). Contudo, o foco a qual iria pesquisar dizia respeito ao prefeito Coronel Francisco Santos, o mesmo era o mandante da cidade de Picos e pretendia instigar como o mesmo teria lido com a passagem da Coluna pela cidade, todavia, por falta de fontes a minha perspectiva foi redirecionada.

Permaneci com o tema da Coluna, mas não sabia ao certo o que trabalharia, aos poucos fui começando a moldar o meu tema e com a ajuda do meu professor orientador tudo ficou mais explícito. Estudando um pouco a vida de seu Possidônio Queiróz, pude perceber que o mesmo tem um acervo de diversas cartas trocadas com Anita Prestes, à primeira filha de Luís Carlos Prestes, sendo a partir desse estudo que pude perceber que havia uma série de interpretações em torno de Prestes.

O que me chamou a atenção foi o fato de Possidônio não ser político, nem comunista, nem ter pertencido a nenhum tipo de ideologia, mas o fato do mesmo analisar o Prestes como sendo um “Cavaleiro da Esperança” como aponta Jorge Amado. Foi a partir dessa indagação que comecei a ir mais fundo na pesquisa.

No acervo de Possidônio temos várias cartas trocadas com Anita Prestes, todas estas instigam o leitor a perceber que ele via Prestes como um bom líder e um ótimo comandante, sendo assim, para o senhor Possidônio Queiróz, Prestes fez a Coluna um acontecimento de relevo.

Partindo desse pressuposto, começo a investigar o Luís Carlos Prestes no período Colunista, e dentro dessa analogia pude perceber que há uma série de interpretações a seu respeito. A partir daí, começo a colher as fontes bibliográficas e históricas.

Sabendo que segundo Certeau

Estudioso e benevolente, terno como o sou para com todos os mortos..., ia assim, de idade em idade, sempre jovem, jamais cansado, durante milhares de anos...": O caminho – "meu caminho" – parece se apossar deste texto de caminhante: "Eu ia, vagava... percorri minha estrada... ia... viajante corajoso": Caminhar e/ou escrever, é o trabalho sem trégua, pela força do desejo, sob as esporas de uma curiosidade ardente que nada poderia deter.(CERTEAU, 2000, p.13).

Como metodologia, utilizamos as fontes bibliográficas, pois nos livros consegui encontrar “o dito e o não dito” a respeito de Prestes, além de fontes documentais que se encontravam no acervo de Seu Possidônio Queiróz. Esse acervo se encontra em posse do seu bisneto Rodrigo Queiróz que gentilmente cedeu os documentos necessários para a presente trabalho encontra-se estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta o contexto da República que desencadeou desde o fim abolicionista até o comumente chamado populismo proferido na época em que Getúlio Vargas era presidente, até porque para entendermos o que foi a Coluna, precisamos saber em que situação o Brasil estava. O Segundo capítulo adentra a passagem da Coluna no Piauí, além de trazer quem é Possidônio Queiróz; o Terceiro Capítulo está vinculado às interpretações em torno de Luís Carlos Prestes na década de 1924 a 1926, trazendo assim o olhar de “Seu Possí” sobre o dito, até porque ele mesmo afirma que Prestes só teve o reconhecimento merecido depois de terem várias bibliografias distorcendo a verdade. Dentro desse parâmetro comecei o respectivo trabalho.

CAPÍTULO 1 - O BRASIL REPUBLICANO

1.1 Alguns fatos marcantes que se perpetuaram no Brasil Republicano

O referido capítulo tem por finalidade apontar à conjuntura cultural, social, econômica e política no período correspondente à República Velha ou como comumente chamada, República Oligárquica ou Café com Leite, se estratificando assim de 1889 - 1930. A estrutura transcorrida nesse período vai nos levar a uma série de fatores, desde a passagem do Império à República até a “Revolta de 30”.

No contexto social dentro do campo da condição de vida e trabalho dado na virada do século XIX para o XX, observa-se que são formulados diversos panoramas ligados a condição de transformações, havendo, portanto, uma diversidade de fatores que atrelavam a esse marco histórico na vida e na maneira de agir dentro da sociedade.

A República representou o fim do “unitarismo” do Império, consagrado na Constituição de 1824 e utilizado até o fim como uma arma dos setores dominantes do Sudeste contra qualquer tentativa de autonomia regional. O advento da República e, com ela, da Federação consagrou desejos de largas camadas das elites dominantes do país que, no sistema anterior, não tiveram, até então, qualquer possibilidade de ascensão ao poder. (NEVES; FERREIRA; DELGADO, 2006, p.302).

A saída do Império para entrada do período Republicano, sendo este marcado apenas por uma “proclamação”, apenas houve um anúncio público de que a Monarquia havia sido substituída pela República, sem luta, sem sangue, sem nada. O golpe de 1889 fora o momento-chave do surgimento dos militares como protagonistas no cenário político brasileiro. Dentro dessa transição podemos perceber o trabalho escravo substituído pelo trabalho livre no Brasil no século XX, onde colocou as classes dominantes da época diante da necessidade de realizar reajustes nos trabalhadores escravos que agora eram livres, até porque ele agora vai ser liberto, dono da sua própria força de trabalho. Contudo, ele teria que vender sua força de trabalho ao capitalismo empreendedor, isto é, para sua sobrevivência ele teria que trabalhar e teria que lidar com as precárias condições de moradia, as rivalidades nacionais e raciais, os salários baixos, abundância de força, ou seja, era uma luta árdua para que pelo menos assim conseguisse sobreviver.

Um segmento específico da classe trabalhadora eram os trabalhadores portuários ou estivadores, sendo estes observados pela sua estrutura de mentalidade e atitudes mais simples

dos populares, lutavam com um padrão ideológico e tinham um poder de posição negociante muito forte devido está localizada num setor básico de uma economia agroexportadora.

Outro fator entrelaçado ao período Republicano é dado pelo crescimento dos grandes centros urbanos e a ampliação da rede ferroviária nos centros urbanos tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro, que serviu assim para incrementar ainda mais esse processo, uma vez que ofereciam facilidades de deslocamento e se constituíam polos de atração. Os pequenos proprietários e arrendatários de terras viviam em torno de uma economia voltada para a produção de gêneros necessários para o consumo e para a formação de pequenos excedentes, e se condensavam em torno de pequenas vilas, arraias, bairros rurais, ou seja, relações de dominação marcada por padrões personalistas que se substanciavam em direitos e obrigações.

Com os processos de modificações decorrentes com o fim do império e início republicano nota-se que o que Margarida de Souza Neves (2006) observa os cenários da República na virada do século. Assim sendo, ela analisa que existiam dois Brasis, um rural e outro urbano, no qual lutavam pela sua participação política, apesar de o Brasil rural ficar estagnado, vivendo sempre nas mesmas condições, por que esse setor era composto por uma parcela de população extremamente grande, mas com um pensamento de certo modo restrito ao avanço social e econômico da época. De outro lado temos assim o Brasil urbano, onde esse sim lutava bastante por questões sociais, culturais, políticas e econômicas e apesar de a República ter sido dada a poucos, esses poucos davam o sangue para conseguir reivindicar por melhores condições de vida.

Hobsbawm no seu referido estudo nos aponta a América do Sul, sendo a mesma bastante especial.

A América Latina, neste período sob estudo, tomou o caminho da “ocidentalização” na sua forma burguesa liberal com grande zelo e ocasionalmente grande brutalidade, de uma forma mais virtual que qualquer outra região do mundo, com exceção do Japão. (HOBSBAWN, 1996, p.139).

Dentro desse aspecto, concorda-se como a própria Margarida de Souza Neves (2006) aponta, que a vertigem e a aceleração do tempo, a sensação mais forte experimentada pelos homens e mulheres que viviam ou circulavam pelas ruas do Rio de Janeiro, cenário marcado por grandes mudanças, por isso crescia como nunca, tornavam complexas suas funções e recebiam levas de imigrantes europeus que atravessavam o Atlântico em busca do sonho de fazer a América, ou seja, tudo parecia mudar de uma forma muito rápida.

Na República Velha, uma lógica paradoxal diferencia e ao mesmo tempo relaciona organicamente esses dois cenários, o da capital federal e o do interior, a primeira vista opostos pelo vértice, o cenário do progresso montado na cidade, que, após o 15 de novembro, assume foros de capital federal e cenário do interior do país, onde a República recém-implantada aparentemente, muda apenas, no cotidiano...(NEVES; FERREIRA; DELGADO, 2006, p.15).

Sendo assim, entre aqueles que vivenciaram o tempo conturbado do fim do Estado imperial e do início da República, Euclides da Cunha experimentou na própria vivência e trouxe para sua obra o paradoxo entre esses dois cenários da República e os impasses do sonho republicano. Euclides presenciou o enfrentamento no interior da Bahia, entre o Exército Nacional e os sertanejos que buscavam nas pregações de Antônio Conselheiro a esperança que o Estado republicano tal como foi à monarquia, insistia em negar-se no plano dos mais elementares direitos de cidadania.

Euclides da Cunha (2006) ao escrever *Os sertões* retrata um dos mais “lúcidos” e dramáticos retratos do Brasil, por assim dizer, sendo o mesmo a ter uma rebuscada descrição da caatinga e do homem sertanejo escrito conforme os cânones positivistas em que fora formado, aparecem uma rara síntese que condensa o contraste entre os ideais de progresso e civilização que pautam os sonhos de seu tempo e a dura realidade do Brasil. No regime político adotado por Euclides da Cunha, afirma-se que:

No caso brasileiro, uma herança inesperada, bem como sobre as relações entre a nova institucionalidade implantada em 1889 e os sonhos de progresso e civilização, sem esquecer que, para o autor de *Os sertões*, o primeiro termo está associado a uma condenação inexorável e o segundo constitui-se em um ideal de empréstimo. (NEVES; FERREIRA; DELGADO, 2006, p.18).

Por assim dizer, ao associar o momento do advento Republicano às ideias de imprevisto, de arrebatamento, de ascensão, de velocidade e de inesperado, Euclides da Cunha reúne um sentimento fortemente presente entre os seus contemporâneos. O 15 de novembro de 1889 amanheceu com a corte imperial para anoitecer capital republicana.

Arrebatado a uma gama de ideais modernos, o Rio Janeiro no fim do século XIX e início XX era palco de muitas transformações na esfera pública e na vida privada. Os ideais de progresso e de civilização acenavam com a possibilidade de um otimismo sem limites em função de conquistas da ciência e da técnica, impunham assim, uma determinada concepção de tempo e de história. Daí visto do plano, naquele dia 15 de novembro, sem dúvidas, a República Brasileira parece feita de imprevisto.

Com a ótica de que a República foi em sua origem obra dos militares que se arrastavam desde o fim da Guerra do Paraguai encontra respaldo nas versões contemporâneas ao fato e na historiografia. Os trabalhos de Celso Castro (CASTRO, 2001), por exemplo, sustenta a ação argumentista da protagonização do Exército no advento da República e o mais conhecido que é o Aristides Lobo, que desenrola os fatos ateando que a população naquele dia assistiu a tudo “bestializado”, surpreso, sem conhecer assim o que estava acontecendo.

Mas o Republicanismo só veio a se enraizar a partir de 1870, com a publicação do Manifesto Republicano no primeiro número do jornal *A República*, coerente assim com o princípio descentralizador do federalismo que se constituía na grande bandeira política dos republicanos de todos os matizes e na principal proposta do Manifesto de 1870.

Por assim dizer, de 15 de novembro de 1889 aos 15 de novembro do ano de 1898, aponta-se que Manuel Ferraz de Campos Sales assume a Presidência da República brasileira, onde o mesmo enfrentou conflitos tumultuados e verifica-se ainda que antes que o novo regime se consolidasse, a República vive um período de instabilidade, de não poucas tensões, mas de uma incongruência no rumo e na ausência de um desenho político nítido para a nova ordem instaurada.

Somente em junho de 1890 foram convocadas eleições para a Assembleia Constituinte, sendo essa nova Constituição inspirada na carta constitucional norte-americana e suas principais inspirações na adoção do federalismo e na acentuação do presidencialismo, onde o mesmo residia nas suas três instâncias: Executivo, Legislativo e Judiciário. Além do mais, houvera também a separação da Igreja e do Estado e o direito de alfabetização para terem direito ao voto.

Assim sendo, os dois cenários inscrevem-se no mesmo círculo da lógica da primeira República e demonstram ser complementar, o primeiro é aquela conformada pelos Estados, à República assim, consolida os alicerces políticos que permitem a privatização da *res publica* e imprime direção ao governo, no segundo a Capital Federal despolitiza a República que constrói um cenário dos sonhos, projeta um futuro imaginado e legítimo, assim, o presente.

Num e noutro cenário, a velha ordem excludente e hierarquizadora manterá sob novas formas, a permanência de práticas sociais, estrutura econômica, lógicas políticas e visões de mundo. Num e noutro cenário, para dizer o mesmo nós termos propostos por Euclides da Cunha, *iludidos por uma civilização de empréstimo, tivemos de improviso, como herança inesperada, a República*. Nela, na capital, como nos estados, a nova ordem institucional não impede que se torne mais fundo o contraste entre aqueles que o autor de *os Sertões* qualifica de copistas, empenhados em construir uma república a imagem e semelhança de seus interesses, e o modo de viver [...] daqueles

rudes patrícios mais estrangeiros nessa terra que os imigrantes da Europa. (NEVES; FERREIRA; DELGADO, 2006, p.41).

Outro texto, que retrata bem o processo da saída do século XIX ao século XX é o do Luigi Negro (NEGRO, 2006), onde o mesmo faz um aparato daquilo que é paternalismo, populismo e a história social, levando assim a visão trabalhista do que já seria a década de 1930, onde temos o presidente Getúlio Vargas no poder. O paternalismo, por exemplo, é um termo crítico e muitas vezes rebatido, mas afinal como afirma o autor, é um ar de resgatamento e reformulamento e defende assim que esse procedimento pode ser estendido ao populismo. Não é apenas uma questão de preservar ou descartar, mas de examinar o que desejamos nomear e investigar e que há como alternativa. Estudos associados à história social retiraram o lugar dos negros e dos escravos na história do Brasil, mostraram assim que o paternalismo senhorial no campo e na cidade, no privado ou no público, na casa grande ou na lavoura, nos cortiços ou nas ruas podia ser negociado e carcomido. Sidney Chalhoub (CHALHOUB, 2001), por exemplo, aponta “que os senhores exerciam sua prerrogativa de comprar e vender escravos no interior da arena da luta de classes tinha de lidar com as expectativas e pressões dos cativos; podiam torturar e matar, mas sabiam que corriam riscos”. Ou seja, os senhores teriam assim que lidar com o dia-a-dia e os costumes em comum dos negros, apesar das diferenças e rivalidades vigentes.

Percebe-se assim que para quebrar o tabu de que a relação escravista e senhorial era associada ao senhor, excluindo assim o escravo, criou-se o termo paternalismo que como bem explica Thompson

Que se trata de um conceito impreciso, que recai sobre fenômenos díspares, no tempo e no espaço. Imprestável para comparações, paralelo ou contrastes, apenas rotula seu uso, por causa disso, registra desastrosa de cima não comporta uma relação mais implica no oposto: uma via de mão única, sugerindo manipulação. A história é decidida no nível superior, onde moram a clarividência, a habilidade, o plano e a iniciativa, mal importando o que vem debaixo se que é debaixo vem alguma coisa. (THOMPSON apud NEGRO, 2006, p.16).

Sendo assim, o indivíduo não é passivo e sim ativo, porque ele fica do lado do Estado em diversas situações, pois o que é bom pra ele é ter um “ombro amigo”. Uma pessoa que lhe ajude e com quem mantenha relações de comum acordo.

Paternalismo assim sugere calor humano, numa relação mutuamente consentida; o pai tem consciência dos deveres e responsabilidades para com o filho, o filho é submisso ou complacente na sua posição filial. Já o conceito de populismo sofrera várias censuras.

“Populismo (argumenta-se) é pecha que se joga no adversário, para denunciar sua farsante demagogia. Antes de ser usado, necessita explicar-se em demasia.” (NEGRO, 2006, p. 17).

Sendo assim, é possível vislumbrarmos as diferenças e os atritos entre as classes, ou dentro delas. Populismo nos induz assim, quase sempre, a tese do triunfo da manipulação, pois está baseado no preconceito de que os “outros”, sindicalistas, trabalhadores e os pobres, são massa débil e maleável ou cúmplices de jogo cínico e excludente.

A ser representado que é preciso reconhecer a diferença, a especificidade e o conflito, sobretudo a partir do trabalhismo, nota-se que os defensores do abandono mostram ainda que não houve uma era populista incontestada, no período entre 1930-1964.

Havia polarizações, e o uso dado a populismo tem permitido enxergar quase nada, condenando todo um período a malhação. No entanto, sua substituição por trabalhismo pode limitar-se apenas ao universo abrangido pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e pelos sindicatos. (NEGRO, 2000, p.18).

1.2 Movimentos sociais no contexto Brasil Republicano

1.2.1 Movimentos sociais no centro urbano

Partindo da analogia existente em torno do período Republicano, não podemos deixar passar em branco os movimentos sindicais em prol da melhoria de trabalho e fazendo assim se criar partidos operários para melhoria desse setor.

Com isso, observa-se que o trabalho de Claudio Batalha (BATALHA, 2006), por exemplo, vai retratar a vida do trabalhador operariado, voltando-se mais para a criação dos partidos operários vigentes na República, tentando assim enfatizar claramente as distinções entre os setores de produção, a diversidade da origem dos trabalhadores de produção, a especificidade das dinâmicas regionais, a variedade de formas de organização e a constelação de correntes ideológicas. Assim sendo, o referido autor parte do pressuposto de que o movimento operariado foi dado de forma minoritária, até porque a maioria da população vigente naquela época ainda estava vivenciando no campo.

Sendo assim, Batalha (2006) nos aponta três tipos de sindicatos ou sociedades de resistência durante a Primeira República: as associações pluriprofissionais, reunindo operários de diferentes ofícios e diferentes ramos industriais, surgindo, sobretudo, em cidades ou bairros com pouco ou nenhuma organização por ofício, mas vão tendendo a desaparecer com o desenvolvimento de organizações específicas por ofício; as sociedades por ofício reúnem unicamente operários de determinado ofício e quando muito, de alguns ofícios militantes;

constituem ainda a base de organização operária na Primeira República, sendo representada assim por ofícios mais qualificados e/ou com maior tradição organizacional; e os sindicatos de indústria ou ramo de atividade, sendo que os sindicatos por indústria foram implantados com mais facilidade em atividades nas quais não existiam sindicatos de ofício fortes, como na indústria têxtil. As organizações sindicais frequentemente faziam parte de federações locais ou estaduais, particularmente nos momentos de fortalecimento do movimento. A mais conhecida delas foi a Confederação Operária Brasileira (COB), cuja criação foi decidida pelo 1º Congresso Operário Brasileiro, em 1906, e onde funcionaria até o ano seguinte, voltando atuar mais tarde, entre 1913 e 1915. A COB contou apenas com a estrutura da Federação Operária do Rio de Janeiro sem ter uma organização efetiva própria e nem tampouco uma dimensão nacional.

As correntes ideológicas ligadas ao grupo de operários surgiram no Brasil no final do século XIX e assistiram ao surgimento de uma série de grupos socialistas, a começar em 1889 com fundação em Santos (SP) e em seguida com o partido Operário na Capital Federal, o socialismo professava um forte viés cientificista e positivista.

Já o anarquismo no Brasil se difundiu a partir dos anos de 1890 e a ação desses anarquistas era a de propagar periódicos, atuando na educação dos trabalhadores e participando de associações diversas no meio operário, inclusive nos sindicatos. Além das duas correntes citadas, existe uma que por diversas razões é menos visível, sendo esta o positivismo, frequentemente mesclada com o socialismo e até mesmo com algumas expressões do anarquismo, claramente perceptível com uma identidade própria no caso Federal e do Rio Grande do Sul. Outra corrente um pouco mais difícil de situar ideologicamente é o sindicalismo-cooperativista, que, além de apresentar certa afinidade com seus seguidores, também encontrará seus adeptos entre os operários do Estado.

Bem mais representada que o positivismo ou o cooperativismo no meio operário, estava a corrente católica, através de organizações ligadas a Igreja que buscavam subtrair o operariado da influência anarquista e socialista e da ação sindical. O Partido Comunista como nova corrente ideológica nasce em 1922 com o intuito de defender uma mudança revolucionária, não renunciava a participação nas eleições como forma de propaganda e aceitava tomar parte através dos sindicatos sob sua influência das negociações, visando conquistas, em curto prazo, para o operariado, levando assim adotar uma política agressiva de luta pela conquista dos sindicatos.

O projeto assim dado sobre a cidadania operária fora marcada por muitos programas dos partidos operários da Primeira República, esbarrando na falta de organizações adequadas, partidos consolidados para levá-los adiante.

Por isso que assim dizer, a história da classe operária no Brasil percorreu um longo caminho até a eleição de um dos seus membros à Presidência da República em 2002. Essa eleição por si não garante que uma concepção operária da cidadania passe a vigorar, mas nos deixa sem dúvida mais próximos daquilo que almejava o Manifesto de 1902. (BATALHA, 2006, p.186).

Finaliza-se assim que todo o contexto retratado é inserido em lutas, reivindicações, melhorias de condições de vida, muitos fracassavam, muitos não conseguiam nada, muitos não tinham organizações, mas todos estavam frente a um único objetivo: lutar por melhor estabilidade de vida e respeito perante a sociedade.

A chamada “Revolta da Vacina” foi também dada em cunho urbanístico onde podemos perceber que na obra de José Murilo de Carvalho (CARVALHO, 1987), este busca tentar entender a República a partir dos olhares das massas, ele procura onde estava o povo no processo de proclamação, discutindo assim, o momento em que a cidadania foi exercida. Diante da efervescência ideológica e o exame das propostas da cidadania, as informações sobre as práticas da cidadania podem ser encontradas nos testemunhos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros.

A Revolta da Vacina se deu em 1904, no governo de Rodrigues Alves, governo caracterizado pelas reformas econômicas estruturais e na saúde. As reformas teriam como prioridade a limpeza pública, saneamento básico, a derrubada de obras habitacionais ilegais.

Percebe-se assim que Carvalho (CARVALHO, 1987) nos aponta que as participações do povo nas questões políticas não existiam, logo eram excluídos do processo político, onde o povo passa a ser cidadão quando seus direitos e seus valores morais fossem afetados.

1.2.2 Movimentos sociais no campo

Um dos movimentos de luta contra as indiferenças e rivalidades existentes na virada do século foi o movimento de Canudos, sendo este um movimento pelo qual havia uma grande concentração de pobres, até porque com o fim da escravidão essas pessoas se tornariam servos, daí a entrada da figura de Antônio Conselheiro, homem de uma índole bem marcada pelos indivíduos naquela época, tendo em vista suas lutas contra as injustiças.

Analisa-se assim um movimento repleto de ações, de lutas, de ataques, onde as tropas lideradas por Antônio Conselheiro levou a resistência frente aos militares.

A formação e concentração desses pobres do campo, de novembro de 1896 a outubro de 1897, sustentou nos sertões da Bahia uma grande luta armada conhecida como Guerra de Canudos, e, em 1893, naquele aldeamento da Bahia começou o início da intensificação da Guerra. Fora um movimento particularmente do Nordeste, onde as pessoas ali se encontravam em estados de calamidades por assim dizer, porque era uma região seca, sem muita fonte de trabalho e por isso que o Conselheiro pretendeu ajudá-los.

Como retratou Rui Facó (1964), com o fim da monarquia em 1889, na República compartilhavam do poder do Estado os latifundiários e a burguesia, ambos se temendo mutuamente. Os primeiros na iminência de perderem a escravaria ficavam com medo de perderem seus feudos; os segundos, na ilusão com empreendimentos industriais, ferroviários, modernização da agricultura, necessitavam de braços livres, mas ficavam receados em acabar com o regime latifundiário.

É perceptível que as fazendas do Nordeste se despovoaram, escasseavam os cereais em que os Estados nordestinos tinham baseado sua frágil economia além do açúcar. No ano de 1896, o principal produto da época que era o café, base de toda economia nacional, entra pela primeira vez em crise e essa crise cortava de chofre a corrente imigratória do Nordeste para o Sul. Este reforço de braços livres vinha a ameaçar a corrente imigratória do Nordeste ao Sul, no último decênio do século XIX, quando ocorre a crise do café, os trabalhadores que abandonavam as fazendas arruinadas do Nordeste já não podiam mais tão livremente demandar os cafezais de São Paulo e do Estado do Rio.

É necessário assim, lembrarmos de que a fome é “cega” e suas terríveis consequências poderão ir até onde não se possa imaginar, mas não só a fome, mas a moléstia e a penúria que levavam o trabalhador do campo a ficarem mais fracos e desprotegidos, mas para os grandes fazendeiros, como para seus representantes no Governo, no Parlamento, na imprensa, nas escolas isso era uma coisa tida como normal. O que interessava afinal era manter o latifúndio, os privilégios odiosos dos latifundiários.

‘A agricultura, portanto, era o latifúndio, a exploração semifeudal, a opressão sem limites da massa campesina despossuída’. Propriedade territorial era a grande propriedade, e esta só seria garantia de ordem enquanto significasse o monopólio da terra por uma minoria. A “ordem” era predomínio absoluto dos latifundiários, cuja sobrevivência como classe estava condicionada a existência da grande massa dos sem-terra. (FACO, 1964, p.84).

Por isso que quando rebentou a luta armada dos habitantes de Canudos, fazendeiros, Governo, toda a imprensa das classes tidas como dominantes republicanas ou restauradas, mostraram-se mais que surpresos e nada mais. Os senhores das classes dominantes e seus porta-vozes recusavam-se a acreditar na realidade, muitas pessoas do campo armadas em defesa da própria sobrevivência, em luta, ainda que espontânea, não consciente, contra a opressão latifundiária e semifeudal, começa assim o monopólio da terra nas mãos de uma minoria a explorar a imensa maioria, e daí em diante começa-se as lutas pela sobrevivência.

Percebe-se que durante 20 anos o Conselheiro perambulou pelos sertões do Nordeste, tornando-se, assim, famoso em publicações fora da área nordestina e em reproduções de trovas do cancioneiro popular de Sergipe dedicada a Antônio Conselheiro. Além do mais, nunca cogitou a hipótese de sua filiação política, filiação essa monarquista e deixava bem claro que era anti-republicanista e foi amplamente explorado pela imprensa quando se tratou de explicar o que parecia para muitos o injustificável.

Antônio Conselheiro era provindo de uma família de camponeses pobres que cuidava de uma pequena criação de gado nos sertões do Ceará. Seus parentes haviam sido vítimas de perseguições sangrentas que lhes moveria uma família de latifundiários. Mas, o movimento não era meramente um fenômeno isolado. Um grande número de núcleos de levantes e de oprimidos do campo surgiu esparsos pelos sertões. Por isso fora um movimento muito grande onde o medo tomava conta da vida de muita gente.

Quando as tropas governamentais sofriam derrotas sucessivas frente aos sublevados, os grandes fazendeiros, não só as vizinhanças de Canudos, mas outras regiões também ficavam com muito medo diante da perspectiva de perda e de seus domínios. Com isso, os grandes fazendeiros davam abrigo às tropas do governo na sua marcha sobre Canudos, e os mesmos ofereciam um carregamento de gado e cereais para sua alimentação. Eram assim os principais interessados nos assaltos e perseguições para o esmagamento dos revoltosos.

Contudo, Conselheiro, já tinha sua tática preferida, que era investir contra o inimigo em pequenos grupos, cujo número variava de acordo com as condições de terreno e a importância da missão. Assim sendo, o objetivo principal dos combatentes sertanejos era matar os soldados que iam atacá-los. Todavia, ficavam ali aguardando as expedições e seus reforços a dezenas de léguas e perseguiam o seu inimigo longe da cidadela camponesa.

Vale ressaltar aqui a presença feminina frente aos combates de Canudos, também figura notável no movimento tenentista como apontado posteriormente. Figuras estas que são memoráveis pela sua garra e vontade de vencer, por assim dizer, as mulheres de Canudos,

principalmente, deixaram exemplos notáveis de bravura e a firmeza inabalável diante do inimigo.

De acordo com Facó (1964), mesmo quando prisioneiras, na miséria mais extrema, demonstravam tanta resolução e bravura, tanta confiança em seus companheiros que em geral eram degoladas pelos assaltantes de Canudos.

Contudo, voltando ao processo de expedição, vale analisar aqui que quando o governo preparava uma nova expedição armada, Canudos crescia. Em menos de três anos se transformou numa verdadeira cidade, mais populosa do que muitas que tinham oficialmente essa categoria. Vimos então que com o crescimento da cidade cresciam-se os números de adeptos a seguir o Conselheiro e a lutar frente ao Governo. Foi nisso que Antônio Conselheiro e as pessoas pobres conseguiram unir forças para a derrocada. Foram três expedições fracassadas pelo governo, ou seja, a estratégia militar feita por Antônio Conselheiro foi excepcional para sanar e ganhar três das expedições feitas a Canudos. Os homens de Canudos depois disso, viram que tinham conseguido aperfeiçoar de maneira satisfatória as suas táticas de luta.

Ou seja, durante um ano inteiro Canudos resistiu a quatro expedições, três delas foram paulatinamente derrotadas, contudo, na quarta expedição um ministro da Guerra viu-se obrigado a empenhar-se, ele próprio, nos sertões agrestes da Bahia para supervisionar a última investida contra Canudos e, assim, o governo enfim conseguiu vencer Canudos e com isso o autor Rui Facó (1964) destaca sua conclusão naquilo que foi bem marcado na história de Antônio Conselheiro.

Canudos foi assim um dos momentos culminantes da luta de libertação dos pobres do campo. Sua resistência indomável mostra o formidável potencial revolucionário existente no âmago das populações sertanejas e a enorme importância do movimento camponês no Brasil, cuja população rural constitui, ainda hoje, a principal parcela das massas laboriosas do País. A epopéia de Canudos ficará em nossa história como um patrimônio das massas do campo e uma glória do movimento revolucionário pela sua libertação. (FACO, 1964, p.126).

Diante da análise retratada anteriormente, nota-se que o movimento de Canudos foi um movimento irracional, sendo assim, sem o uso da razão. Por isso, a luta dada por Antônio Conselheiro é tida como conflitos messiânico, apocalíptico e religioso, colocando os revoltosos como reféns do Estado e da religião, diferentemente do movimento tenentista que aponta o seu movimento num caráter político-social, mudanças teriam que ser feitas na

conjuntura política do Brasil e a decapitação de Arthur Bernardes era o objetivo principal dos tenentes.

Não podemos deixar de falar também sobre o movimento do Contestado. Este surgiu à margem do sistema dominante.

O Contestado era uma região limítrofe entre o Paraná e Santa Catarina, cuja posse vinha sendo reivindicada por ambos os Estados. Havia, pois uma contestação sobre a área. O movimento social aí surgido em 1911, porém, não tinha por objeto essa disputa. Nasceu reunindo seguidores de um “coronel” tido como amigo dos pobres e pessoas de diversas origens, atingidas pelas mudanças que vinham ocorrendo na área. Entre elas, trabalhadores rurais expulsos da terra pela construção da ferrovia, ficando novamente desempregada no fim de seus contratos. Os rebeldes se agrupavam em torno de José Maria, uma figura que morreu nos primeiros choques com a milícia estadual e foi santificada. Estabeleceram vários acampamentos, organizados na base da igualdade e fraternidade entre os membros. Reivindicaram a posse da terra enquanto esperavam a ressurreição de José Maria. Fustigados por tropas estaduais e do Exército, os rebeldes foram liquidados em 1915. (FAUSTO, 2009, p.296).

Por assim dizer e como aponta Linhares, os dois maiores movimentos de rebeldia em massa contra a República Velha foram os movimentos camponeses denominados de Guerra de Canudos na Bahia (1897), como abordado anteriormente, e a Guerra do Contestado (1915) ocorrido no Paraná, que chegaram a por em xeque o poder militar da oligarquia e, por isso mesmo, sofreram duras repressões até o seu extermínio.

1.3 O processo político nos anos de 1920

Mas afinal o que é o político? Segundo René Rémond

Descartaremos a solução fácil que seria definir o político pela enumeração das questões que fariam parte de seu domínio, ou pela delimitação de um espaço que lhe seria próprio. Com exceção de um núcleo restrito que lhe é inseparável, o político é como esses Estados dos quais a geografia não delineou previamente os contornos e a história não parou de modificar os limites: o político não tem fronteiras naturais. Ora ele se dilata até incluir toda e qualquer realidade e absorver a esfera do privado: este é o traço das sociedades totalitárias. Ora ele se retrai ao extremo; refletem também as flutuações do espírito público. O espaço que o político recorta na realidade global é a resultante dessa conjunção. (RENÉ, 2003, p. 442).

Assim, o enfoque sobre o processo político na década de 20 nos é apresentado por transcorrer uma série de mudanças, em especial, na estrutura socioeconômica do país, muito embora não possamos apenas nos prender a elas. Com o término da Primeira Guerra Mundial,

a presença maior da classe média na política se tornou bem mais visível, assim sendo, de um modo mais amplo, essa sociedade tendia a apoiar as bandeiras que decorriam e que fizessem movimentos em prol de um liberalismo autêntico, por isso a defesa de um governo se torna capaz de levar à prática as normas da Constituição e das leis do país, transformando assim a República Oligárquica em República Liberal e isso significaria entre outras maneiras, eleições limpas e respeito aos direitos individuais. Nesse respectivo argumento estamos falando de uma reforma social, mas a maior esperança era depositada na educação do povo, no voto secreto, criar-se assim uma justiça eleitoral.

Se o político é uma construção abstrata, assim como o econômico ou o social, é também a coisa mais concreta com que todos se deparam na vida, algo que interfere na sua atividade profissional o se imiscui na sua vida privada. (RENÉ, 2003, p. 442).

Percebe-se a maior concentração da população urbana nas participações da política nas eleições de 1919. Rui Barbosa, candidato derrotado em 1910 e 1914, enfrentando Epiácio Pessoa, não tinha apoio de qualquer máquina eleitoral, mesmo assim, obtivera um terço dos votos e vencera as eleições no Distrito Federal. Os desgastes e ajustes entre as oligarquias nas sucessões presidenciais começaram a ganhar novo enfoque, um exemplo claro é a disputa pela sucessão de Epiácio Pessoa.

O eixo São Paulo _ Minas mostrou como candidato nos primeiros meses de 1921 o governador mineiro Arthur Bernardes. Contra esse mandato levantou-se o Rio Grande do Sul liderado por Borges de Medeiros que denunciara todo o arranjo político existente entre São Paulo _ Minas, assim era uma forma de garantir recursos necessários para esquemas de maior valorização do café. Contudo, os gaúchos também temiam que se concretizasse uma revisão constitucional realizada efetivamente por Arthur Bernardes, em 1926, com o intuito de limitar a autonomia do Estado.

Uniram-se ao Rio Grande do Sul a Bahia, Pernambuco, Estados do Rio - terceiro, quarto, quinto e sexto Estados em importância eleitoral, formando a Reação Republicana que apresentou o nome de Nilo Peçanha. Anteriormente, Nilo Peçanha fora eleito vice- presidente da República (1906) e ocupara por alguns meses a Presidência, após a morte de Afonso Pena; na chefia do governo, contribuiria decisivamente para o triunfo de Hermes da Fonseca. Sua carreira era um contraponto, na esfera civil, da ascensão de muitos militares “plebeus”. De origem modesta, florianista, tinha sua base política na oligarquia do Estado do Rio de Janeiro, onde nasceu. (FAUSTO, 2009, p. 306).

Foi nessa disputa eleitoral que veio a tona a insatisfação militar, onde a impressão que os mesmos tinham era de que a candidatura de Arthur Bernardes era antimilitar e ganhou grande dramaticidade com uma carta publicada no “Correio da Manhã” do Rio de Janeiro, em outubro de 1921.

Aparentemente, tratava-se de cartas, pois havia duas enviadas por Bernardes ao líder político mineiro Raul Soares onde se dizia entre outras coisas o seguinte: “Estou informado do ridículo e acintoso banquete dado pelo Hermes, esse sargento sem compostura, aos seus apaniguados e de tudo o que nessa orgia se passou. Espero que use de toda a energia, de acordo com as minhas últimas instruções, pois esse canalha precisa de uma reprimenda para entrar na disciplina. [...] A situação não admite contemporizações: os que forem venais, que é quase a totalidade, compre-os com seus bordados e galões”. A alusão ao “banquete dado por Hermes” referia-se ao banquete promovido por ocasião da posse do ex-presidente da República na presidência do Clube Militar. (FAUSTO, 2009, p.306).

Assim sendo, as cartas falsas colocaram mais lenha na fogueira cujo objetivo primordial de seus autores era indispor ainda mais as Forças Armadas contra a candidatura de Arthur Bernardes. O contexto em si continuou cada vez mais a se complicar, em junho de 1922, época até em que Bernardes já era vitorioso não tomou posse da Presidência, o que só ocorreu a 15 de novembro.

O Clube Militar lançou um protesto contra a utilização, pelo governo, de tropas do exército para intervir na política local de Pernambuco e como resposta o governo determinara a repreensão e depois a prisão de Hermes da Fonseca e o fechamento do Clube Militar. Todos esses fatores anteciparam a eclosão do movimento tenentista, cujas raízes vão além do que se possa imaginar.

1.4 Movimento Tenentista

O objetivo é apontar os aspectos vigentes dentro do movimento tenentista ocorrido no Brasil na década de 1920. O tenentismo seria o aparecimento da pequena burguesia urbana contra as oligarquias. “Como aponta Virgílio Santa Rosa (ROSA, 1990), provavelmente o pioneiro dessa interpretação, os “tenentes” e o tenentismo seria a força que impulsionava o movimento ascensional da pequena burguesia.”

Do ponto de vista político, o período da chamada República Velha caracterizou-se pelo predomínio incontestado dos grupos agrários, sob a hegemonia dos cafeicultores paulistas. Artífices do regime republicano em sua crítica a centralização monárquica acabariam por implantar, na prática,

um regime político coerente com seus desígnios, consubstanciado na federação e baseado na maximização do poder das oligarquias estaduais, viabilizava a partir do coronelismo. [...] Democracia e liberalismo excludente: eis o que resume o espírito do regime político em vigor no Brasil entre 1889 e 1930. (LINHARES, 1990, p.316).

O movimento tido por tenentismo teve início na década de 1920, no mesmo ano que a Semana de Arte Moderna e a fundação do Partido Comunista Brasileiro. O tenentismo se apropria do contexto da crise institucional da década de 1920, quando a política brasileira foi representada pela força e violência. O intervencionismo militar na política brasileira, fez com que parte da história fosse abalada e nos leva a crer que as articulações políticas entre militares e civis deixaram de ter um caráter exclusivo de cúpula.

A política não segue um desenvolvimento linear: é feita de rupturas que parecem acidentes para a inteligência organizadora do real. O acontecimento introduz nele, inopinadamente, o imprevisível: é a irrupção do inesperado, portanto do inexplicável, a despeito do esforço que os historiadores possam fazer para reabsorvê-lo e integrá-lo numa sucessão lógica. (LINHARES, 1990, p.316).

Nesse intervencionismo, pode ser mostrado que o tenentismo é “um movimento revolucionário, como salvador da pátria, denunciava a desmoralização dos costumes políticos pelas oligarquias, que deveriam ser banidas da política por corromperem as instituições, em específico as forças armadas” (LANNA JUNIOR; FERREIRA; DELGADO, 2006, p. 347). Percebe-se assim que o tenentismo falava em nome das forças armadas, mas nunca apresentava seu legítimo representante.

Podemos perceber assim que esse intervencionismo faz parte da nossa história e também da política brasileira. Essa intervenção veio com um aspecto diferente, veio junto à reação republicana. É a primeira vez que as articulações políticas entre civis e militares deixam de ter um caráter exclusivamente de cúpula. E com essa inserção, o tenentismo, foi antes de qualquer coisa, um movimento revolucionário pelo qual denunciava a desmoralização dos costumes políticos pelas oligarquias que deveriam ser excluídas da política por corromperem as instituições, em específico as forças armadas.

Vale ressaltar que o tenentismo sempre tinha um caráter militar, contudo nunca fora o seu legítimo representante. O tenentismo assim ultrapassou diversas barreiras do quartel em 1924, ganhando novos adeptos: como a Força Pública de São Paulo e os políticos civis, principalmente no Rio Grande do Sul e no Maranhão, sendo vinculada como princípio primordial a derrocada do presidente Artur Bernardes.

O principal objetivo era destituir Artur Bernardes da presidência, político que, desde o advento das “cartas falsas”, era a própria corporação do mal, símbolo da corrupção dos ideais democráticos fundadores da República brasileira, arquiinimigo dos militares rebeldes. Para tal façanha eles procuraram rearticular suas ações. Não agiram por impulso, como ocorreu em 1922; prepararam o terreno, conspiraram entre si e entre civis, “tirando da revolução o caráter exclusivo de movimento militar”. Comparando com 1922, 1924 foi quando o tenentismo se apresentou mais bem organizado, maior e com objetivos explícitos e bem definidos. (LINHARES, 1990, p. 316).

Contudo, a historiografia contemporânea a respeito do tenentismo nos leva a três posições que são justamente o refluxo que viria a corresponder ao movimento.

Para a maioria dos estudos é a determinação classista do movimento dos tenentes a mais acentuada, sendo-lhes atribuída a condição de representantes ou porta-vozes dos setores médios, inconformados com sua exclusão do jogo político e, supostamente, aliados dos segmentos industrialistas (posição de Virgílio Santa Rosa, por exemplo). Já outros analistas apontam ter sido, justamente a especial inserção do grupo no aparelho de Estado_sua dimensão funcional _ que propiciou refletir, no conjunto, a crise do regime e do sistema de dominação (como Boris Fausto, por exemplo). Finalmente uma terceira posição prefere conciliar ambas as dimensões _ classista e funcional do movimento na avaliação de seu significado e desdobramento. Em torno de um aspecto, entretanto, dá-se o consenso: o tenentismo teria produzido, inquestionavelmente, uma inflexão na vida política brasileira, deixando uma marca que persistiu depois de seu próprio desaparecimento enquanto movimento organizado: a incorporação do uso da violência, enquanto o instrumento político, aliando-se a exercício do papel arbitral e “purificador” do Exército na defesa e manutenção do(s) regime(s). Não é à toa, que Coelho denomina o golpe militar de 1964, significam ente de “segundo tenentismo” (LINHARES, 1990, p. 317).

Vemos assim que o tenentismo em seus segmentos teve várias visões, mas com um interpreto primordial: a destituição de Artur Bernardes da presidência e a não aceitação da classe média pôde gesticular as ideias junto com o político, a ideia assim era lutar por direitos civis, sociais, econômicos e políticos.

Assim sendo, o tenentismo ficou conhecido porque tinha como as principais figuras os oficiais de nível intermediário do Exército, em primeiro lugar poderíamos perceber a presença de coronéis e capitães, daí observamos que as revoltas militares que marcaram os anos de 1922 a 1927 não se arrastaram à cúpula das Forças Armadas. Podemos ainda perceber que o período tenentista é dividido em dois períodos, sendo o primeiro designado por apresentar-se antes da década de 1930 e o outro depois desta década, quando os tenentes entraram no governo para assim conseguir dar um rumo ao seus objetivos.

Mas, afinal, quais eram esses objetivos? Dentro do contexto histórico podemos perceber que o primeiro ponto que temos que salientar é as questões que perpetuavam no interior do Exército e na sociedade. Nesse aspecto, pode-se perceber que a primeira confirmação que podemos obter é de que a formação dos oficiais mudou muito desde os primeiros tempos da República. A Escola Militar da Praia Vermelha obteve seu fechamento, em 1904, e isso aconteceu devido a sua última revolta que decorreu por volta de 1911, assim sendo, o governo manteve aberta apenas a Escola de Guerra de Porto Alegre e nesse mesmo ano fora criado também, no Rio de Janeiro, a Escola Militar do Realengo.

A escola de Realengo tinha como principal preocupação a formação de soldados-cidadãos para poderem obter assim um lugar no Exército e outro na sociedade civil e na política, e isso levava os oficiais a treinarem os soldados e torná-los profissionais. Contudo, apesar de sua maior profissionalização, os oficiais do Exército não poderiam deixar de ter a concepção sobre a sociedade a qual estava vinculado e principalmente o sistema de poder que estava sendo vigente.

E, durante a presidência do marechal Hermes, um grupo formado por militares e civis tiveram como ideia a formação de uma espécie de grupo de pressão em torno do presidente, assim, eles foram designados de “salvacionistas” por pretenderem salvar as instituições republicanas e era esse o seu objetivo.

[...] Uma das principais razões de queixa dos quadros intermediários do Exército residia na estrutura da carreira, que dificultava a ascensão aos postos mais altos. Além disso, os “tenentes” tinham desprezo por personagens da cúpula militar que haviam se associado aos figurões da República. (LINHARES, 1990, p.317).

Por isso que é muito comum ouvirmos a afirmação de que os tenentes foram os representantes da classe média urbana, tendo como explicação o fato dos setores intermediários da sociedade e do Exército e pelo inegável prestígio do tenentismo na população urbana até o fim da década de 1920. Analisa-se que os tenentes provinham de famílias de elite do Nordeste, esse pode ter sido um dos fatores ou não, dado pelo processo de adeptos da classe média em apoio ao tenentismo, mas o que se tem que deixar claro é que os tenentes eram tenentes, ou seja, integrantes do Exército. A visão de mundo que possuíam formou-se, sobretudo, por sua socialização no interior das Forças Armadas e acabou por enfrentarem o governo praticamente sozinho, tendo em vista os mesmos não conseguirem arrastar o Exército consigo.

Nessa fase heróica, de 1922 a 1927, o tenentismo, como movimento de conspiração, pegou em armas para lutar contra as oligarquias dominantes. [...] Fundamentalmente, o tenentismo se manteve fiel a defesa da ordem das instituições. Não tinha uma proposta militarista no sentido de um governo militar, mas era etilista; propunha a moralização política contra as oligarquias cafeeiras. (LUSTOSA; FERREIRA; DELGADO, 1930, p.316).

O movimento tenentista foi além do que se imaginava, ganharam-se novos adeptos, como a força pública de São Paulo e os políticos civis, principalmente no Rio Grande do Sul e no Maranhão, tendo como principal foco a destruição da presidência de Arthur Bernardes que era o atual presidente naquela época. O tenentismo adquiriu relevância histórica e conquistou seu espaço político a partir de 1924 ao mostrar ambição de se fazer presente em várias regiões.

1.5 Arthur Bernardes

Iremos agora retratar a figura do político vigente no poder na época da ascensão dos tenentes pela revolta. Arthur Bernardes era mineiro e governou o Brasil de 1922 até 1926, governo esse que vivenciou uma situação difícil, recorrendo a inúmeras decretações do estado de sítio. Lançou uma dura repressão para os padrões da época e a insatisfação popular era de grande cunho, principalmente em relação ao quadro financeiro que estava sendo apresentado. Dentre as causas que contribuíram para que o movimento financeiro entrasse em declínio foram às emissões da moeda feitas no governo de Epitácio Pessoa nos anos de 1921 e 1923 para a realização da terceira valorização do café. Contudo, o que houve foi à desvalorização do produto e com isso acarretou a inflação.

Durante o governo de Bernardes teve-se como principal preocupação efetuar o pagamento da dívida externa. Os credores internacionais ficaram receosos que o Brasil não pudesse cumprir o acordo e assim salvar suas dívidas, por isso, que o governo federal mostrava pouca disposição em defender a produção do café e isso fez com que o setor cafeeiro crescesse numa situação de abandono. Percebemos assim que a revolta da classe média era perpetuada e as fazendas de café foram abandonadas pelo presidente, fazendo com que a população se frustrasse não só devido o abandono cafeeiro, mas também em meio ao aumento da inflação fez com que muitos pobres pagassem por uma dívida que estava impregnada no Brasil.

Foi no curso da disputa eleitoral que veio a tona a insatisfação militar. A impressão corrente nos meios do Exército de que a candidatura de Arthur

Bernardes era antimilitar ganhou dramaticidade com uma carta publicada no *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro, em outubro de 1921. Aparentemente, tratava-se de cartas, pois havia duas enviadas por Bernardes ao líder político mineiro Raul Soares onde se dizia entre outras coisas o seguinte: “Estou informando do ridículo e acintoso banquete dado pelo Hermes, esse sargento sem compostura, aos seus apaniguados e de tudo o que nessa orgia se passou. Espero que use de toda energia, de acordo com as minhas últimas instruções, pois esse canalha precisa de uma reprimenda para entrar na disciplina. [...] A situação não admite contemporizações: os que forem venais, que é quase a totalidade, compre-os com seus bordados e galões”. A alusão ao “banquete dado pelo Hermes” referia-se ao banquete promovido por ocasião da posse do ex-presidente da República na presidência do Clube Militar. (FAUSTO, 2009, p.306).

As cartas falsas fizeram com que pudessem colocar fogo na situação. O objetivo principal dos seus autores era de indispor ainda mais as Forças Armadas contra a candidatura de Arthur Bernardes e isso já havia sido atingido pouco antes das eleições de 1º de março de 1922.

A situação continuou a se complicar em junho de 1922, época em que Bernardes já era vitorioso, mas ainda não tomara posse na Presidência, o que só ocorreria a 15 de novembro. O Clube Militar lançou um protesto contra a de Pernambuco. Como resposta, o governo determinou a repreensão e a seguir a prisão de Hermes da Fonseca e o fechamento do Clube Militar. A afronta para o fechamento do clube, a lei de 1921 contra as associações nocivas ou contrárias a sociedade. (FAUSTO, 2009, p. 306).

1.6 A Coluna Prestes

A coluna Prestes, símbolo de patriotismo, representou o mais audacioso movimento tenentista.

Formada, na maior parte, por soldados, comandados por oficiais de baixa patente, com considerável participação de civis e algumas mulheres, destacou-se por sua especificidade. Diferentemente dos demais levantes do tenentismo, era uma guerra de movimento, contra a qual o exército brasileiro não estava acostumado a lutar. Esse fato contribuiu para a vitória da coluna e significou o seu grande diferencial: a guerra do movimento significou um maior poder de decisão para os soldados, o que significa a conscientização no sentido de lutar por um ideal. (FAUSTO, 2009, p.306).

A coluna Prestes pode não ter despertado o Brasil para a “revolta”, mas despertou a “revolta” contra o Brasil, mas claramente contra a candidatura de Bernardes. Com o feito da Coluna, nenhum trajeto seria legítimo sem considerar o tenentismo, tornando-se ele cobiçado pelo processo revolucionário de 1930, pois adquiria o mais legítimo representante de interesse

nacional. “Fundamentalmente, o tenentismo, se manteve fiel à defesa da ordem e das instituições. Não tinha uma proposta militarista no sentido de um governo militar, mas era elitista; propunha a moralização política contra as oligarquias cafeeiras”. (NEVES; FERREIRA; DELGADO, 2006, p, 316).

O apoio dado ao tenentismo veio principalmente dos estudantes das classes populares e do operariado organizado, os populares aplaudiram os rebeldes por ocasião da passagem de tropas e atendiam solícitamente aos soldados nas trincheiras espalhadas pela cidade; e os operários organizados apoiavam os revolucionários e exortavam a população a ajudá-los no que fosse possível. Os estudantes eram a vanguarda revolucionária que começara desde 1922 e a Revolta de 1924 no estado de São Paulo contribuiu para contagiar as demais regiões do país.

A Coluna era formada com unidades elevadas a um total de 1.200 homens em média, percorreram mais de 24 mil quilômetros através de 12 estados brasileiros, começando pelo atentado do forte de Copacabana, onde somente dois oficiais sobreviveram e, posteriormente, o levante se estendeu ao estado de São Paulo e daí começa a Coluna a tomar proporções cada vez maiores.



Figura 1 - Mapa do itinerário percorrido pela Coluna Prestes
Fonte: pt.wikipedia.org

Podemos verificar no mapa a passagem da Coluna em diversos estados e cidades, inclusive no Piauí, mas vemos ainda o Rio de Janeiro, São Paulo, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, Amazonas, dentre outras.

A coluna por onde passava, procurava fazer justiça, protegendo os camponeses das arbitrariedades dos latifundiários e, frequentemente, queimando inclusive os livros nos quais estavam registradas as dívidas dos camponeses. Entretanto, com a partida dos soldados da Coluna, a repressão contra os homens simples do campo tornava-se ainda maior. Além disso, a miséria avassaladora do interior do País continuava e a Coluna não tinha solução para superá-la. Para Prestes, tornava-se cada dia mais claro que estava diante de problemas sociais complexos, cujas causas era necessário analisar a fim de parar eles e encontrar uma solução científica. A terrível miséria das grandes massas do interior do Brasil impressionou profundamente a Prestes, que chega a conclusão de que não bastava substituir homens de poder, como era o propósito dos tenentes. (LINS,1948)

1.7 O início do movimento tenentista

A Marcha do dezoito do forte de Copacabana foi o acontecimento inicial para eclodir as sucessivas revoltas que iriam se alastrar pelo país, contribuindo para um efeito mais heroico nos momentos iniciais dos movimentos. Ato esse que ocorreu no dia 5 de julho de 1922, onde o clima estava bastante pesado e as ofensas sendo elas verdades ou não, o que se sabe é que os “insultos” ao Exército e repressão feita ao Clube Militar fizeram com que os jovens tenentes fossem protestar para poder assim o Exército ter a honra de ser salvo.

A Revolta eclodiu depois de serem lançados os primeiros tiros de canhão, sendo os rebeldes bombardeados e cercados. No dia seguinte, os tiros contra os revoltosos continuaram, o forte voltou a ser bombardeado tanto por aviões como por forças marítimas. Dezesete militares que ali se encontravam na luta do forte, fez com que decidissem sair pela praia de Copacabana ao encontro das forças do governo, contudo, na troca de tiros que tiveram contra os agentes governamentais, dezesseis morreram, ficando feridos os tenentes Siqueira Campos e Eduardo Gomes que foram os dois únicos sobreviventes dessa revolta.

Todos esses movimentos não partiram de uma ação conjunta sistemática, mas comungava da mesma motivação, denominada por eles “revolução”. Todas as revoltas, que ocorreram no período de 5 a 8 de julho foram prontamente reprimidas, o que mostra a energia do governo e sua capacidade de coesão.(LUSTOSA; FERREIRA;DELGADO,1930, p.319).

Os movimentos ocorridos na marinha, tanto no estado de Amazonas, como Mato Grosso, Sergipe, Pará e Distrito Federal, vinculavam-se ao tenentismo paulista, pois por ideologia tinham o mesmo princípio revolucionário comandado por Miguel Costa. O encontro da Coluna Paulista com a do Rio Grande do Sul, comandada por Luís Carlos Prestes, nos leva o momento decisivo de dar continuidade ao movimento.

CAPÍTULO 2 - A Coluna Chega ao Piauí

2.1 A passagem da coluna pelo Piauí

Trazendo para o contexto global, podemos perceber que em 1924 o mundo sofria com a “crise do capitalismo” em consequência da Primeira Guerra Mundial e da Revolução Russa em 1917 que “rompeu o monopólio da dominação capitalista do mundo”. O historiador Sodré acrescenta ainda que esses dois acontecimentos tiveram ressonância em todos os continentes e não poderia assim deixar de ter repercussão no Brasil, país que desenvolvia sob a tendência do imperialismo. Com o avanço industrial, a “economia monocultora e exportadora apresentava suas deficiências” e a dificuldade de superá-las abalava estruturalmente as instituições vigentes.

Nesse intervencionismo, aponta-se que o tenentismo é “um movimento revolucionário, como salvador da pátria, denunciava a desmoralização dos costumes políticos pelas oligarquias, que deveriam ser banidas da política, por corromperem as instituições, em específico as forças armadas”. (NEVES; FERREIRA; DELGADO, 2006, p.347).

O movimento tenentista foi além do que se imaginava, ganharam-se novos adeptos, como a força pública de São Paulo e os políticos civis, principalmente no Rio Grande do Sul e no Maranhão, tendo como principal foco a destruição da presidência de Arthur Bernardes que era o atual presidente naquela época. O tenentismo adquiriu relevância histórica e conquistou seu espaço político a partir de 1924 ao se mostrar ambição de se fazer presente em várias regiões.

Formada, na maior parte, por soldados, comandados por oficiais de baixa patente, com considerável participação de civis e algumas mulheres, destacou-se por sua especificidade. Diferentemente dos demais levantes do tenentismo, era uma guerra de movimento, contra a qual o exército brasileiro não estava acostumado a lutar. Esse fato contribuiu para a vitória da coluna e significou o seu grande diferencial: a guerra do movimento significou um maior poder de decisão para os soldados, o que significa a conscientização no sentido de lutar por um ideal. (NEVES; FERREIRA; DELGADO, 2006, p.316).

Ferreira e Delgado apontam que embora não se possa afirmar que a Coluna Prestes tenha despertado o Brasil para a revolução, foi de grande valia, pois despertou a revolução para o Brasil. Com isso, discordamos de tal entendimento no sentido da palavra “revolução”, acreditando que não ocorreu uma revolução em nenhum momento no Brasil, o que ocorrera de fato foram várias “revoltas”, onde temos o movimento de 1930 e outras demais que

assolaram o Brasil, sendo que as mesmas não se concentravam apenas em um local, giravam em torno do Brasil e tinham focos em várias regiões. Então não seria correto tratar de “revolução” quando se tinha algo feito apenas por “revoltas”.

Além do mais, “fundamentalmente, o tenentismo, se manteve fiel à defesa da ordem e das instituições. Não tinha uma proposta militarista no sentido de um governo militar, mas era elitista; propunha a moralização política contra as oligarquias cafeeiras”. (NEVES; FERREIRA; DELGADO; 2006, p. 316).

O apoio dado ao tenentismo veio principalmente dos estudantes das classes populares e do operariado organizado, os populares aplaudiram os rebeldes por ocasião da passagem de tropas e atendiam solícitamente aos soldados nas trincheiras espalhadas pela cidade; e os operários organizados apoiavam os revolucionários e exortavam a população a ajudá-los no que fosse possível. Os estudantes eram a vanguarda revolucionária, que começara desde 1922 e a Revolta de 1924 no estado de São Paulo alavancou para contagiar as demais regiões do país.

A Coluna era formada com unidades elevadas a um total de 1.200 homens em média, percorreram mais percorreu 24 mil quilômetros através de 12 estados brasileiros, começando pelo atentado do forte de Copacabana, onde somente dois oficiais sobreviveram e depois o levante se estendeu ao estado de São Paulo e daí começa a coluna a tomar proporções cada vez maiores.

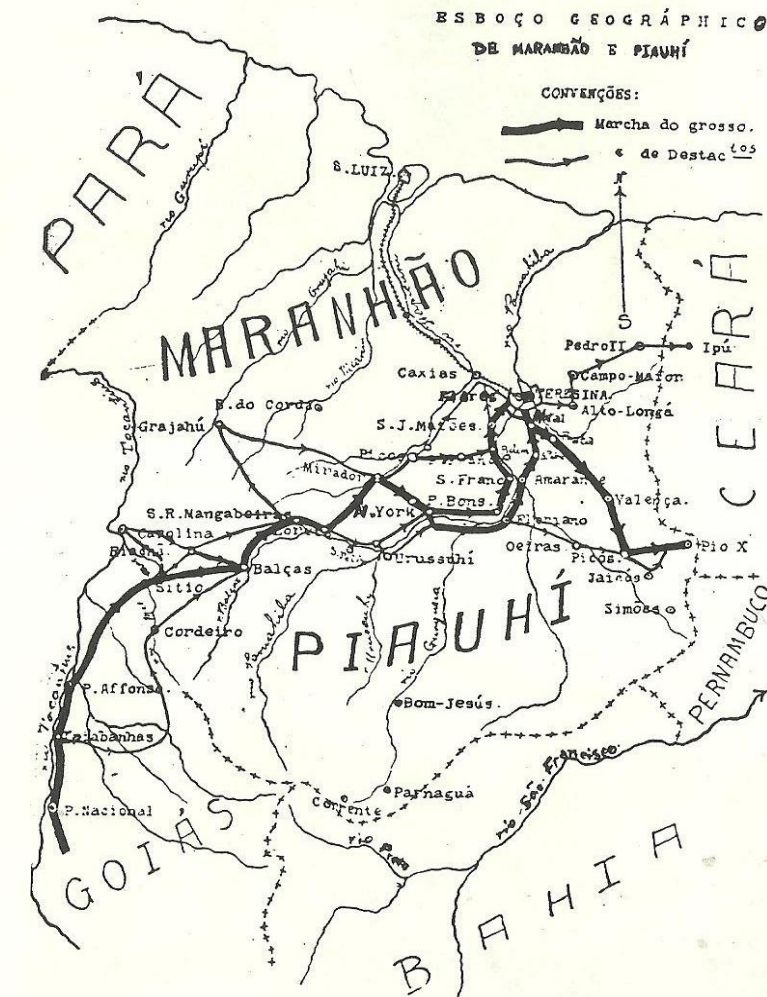
Prestes, fora tido como líder da mesma depois da junção da coluna paulista a do Rio Grande do Sul, de onde o mesmo estava vindo. A Coluna estava determinadamente inculcada no propósito de se ter uma missão a cumprir, um desafio a ser feito e mais ainda, uma ideia a se realizar, tomar frente de uma coluna tenentista, impor seus princípios e conseguir pessoas para lutarem junto com ele não era tão simples, ainda mais quando esse grupo era composto de pequenos soldados e pessoas de baixa patente no exército, além de ter algumas figuras femininas no bando.

A Coluna por onde passava se tornava algo pavoroso, tudo era destruído. Algumas pessoas muitas vezes os acolhiam e sediam mantimentos necessários para a tropa, outras tentavam se esconder em fazendas para poder se proteger dos rebeldes.

Assim, o nosso foco de pesquisa é mostrar quais foram às interpretações dadas a respeito de Luís Carlos Prestes no contexto da Coluna, o mesmo nos levanta uma série de questionamentos e fragmentos deixados em abertos, irei aqui salientar o princípio de que algumas pessoas o viam com bons olhos e achou sua atitude meramente apropriada para mudar o futuro do país.

Depois de a Coluna ter percorrido o Sudoeste, Sudeste, Norte, Centro-Oeste e Sul, a coluna chegou ao Nordeste, passando primeiramente pelo Maranhão, onde o Jornal *Folha do Povo*, que saía nesta localidade descreve como se deu a chegada dos colonistas no Nordeste, mas especificamente no Maranhão onde primeiro adentraram e na reportagem que era de direção do advogado Tarquínio Lopes Filho, chegava a abrir a manchete: “Ao entrar no Maranhão, fomos recebidos como heróis. Por quê? Por ter vindo do Rio Grande e chegar até o Maranhão... Era um grande feito. O povo todo era simpatizante, porque havia no Maranhão uma grande oposição política ao governo” (PRESTES, 1990, p.255).

Dado no capítulo anterior pode-se perceber que o cerco da Coluna Prestes tinha como objetivo tentar fazer justiça, queimando as listas de cobrança de impostos, os livros existentes, soltando os prisioneiros que havia e destruindo todo e qualquer instrumento de tortura que encontraram. No Piauí não fora diferente, contudo, ao se chegar ao Piauí a adesão de mobilização para lutar junto com a coluna era praticamente inexistente.



A Coluna Prestes no Maranhão e Piauí.
 Fonte: TÁVORA, Juarez. *A Guisa de Depoimento sobre a Revolução Brasileira de 1924*. v. 3.

Figura 2 - Passagem da Coluna pelo Piauí.

Fonte: PRESTES, Anita Leocádia. **A coluna Prestes**: Prêmio Casa de Las Américas 1990. São Paulo: editora brasiliense, 1990.

Verificamos que a mesma passara por diversas localidades piauienses, dentre elas Oeiras, onde iremos trabalhar o senhor Posidônio Queirós, analisando o seu olhar frente a Luis Carlos Prestes depois de explorar o que os historiadores e literatos falam a seu respeito e sobre o mesmo ser mandante da Coluna Prestes. A Coluna passara por vários lugares, mas quando chegou aqui no Piauí, eles detinham muita esperança, principalmente dentro do

nordeste, pois segundo assinala Prestes, a miséria que assolava a região poderia alimentar-se da ilusão de conseguir aliados para à Coluna. Só que com o passar do tempo, observa-se que o apoio não estava sendo realizado e na realidade a recepção frente à Coluna era apenas de cortesia e pura simpatia, sem ter nenhum engajamento efetivo que pudesse a vim ajudar nas lutas que iam se alastrar. As observações feitas por Prestes a essa região nordestina nos deixa claro que adesão dos mesmos fora a mínima possível.

A adesão foi muito pequena. Havia muita simpatia; o sertanejo compreendia que, contra nós, lutavam todos os seus inimigos, que eram o governo federal, o governo estadual, o governo municipal e os fazendeiros e ‘coronéis’. Todos eles vinham lutando contra nós. Então, eles viam que estávamos lutando contra o inimigo deles, mas não tinham perspectiva. Achavam que éramos uns loucos, uns aventureiros (...), que estávamos sonhando. Derrotar essa força, para eles, parecia impossível, (...) Não compreendiam. Então, não aderiam. Aderir era muito difícil. Aderiam jovens, crianças de dez, 12 anos, 14 anos... 15 anos, assim jovens que queriam fugir de casa, (...) (Os sertanejos)... ajudavam-nos na medida de não se comprometer. (PRESTES, 1990, p.255).

E assim, Prestes destaca que essa foi apenas uma forma de alguns jovens nordestinos fugirem de casa e enfrentarem uma aventura.

Passando pelo Maranhão, a Coluna adentra ao Estado do Piauí, mas especificamente a cidade de Teresina que a capital do Estado Piauiense. E fora um dos mais notáveis de toda a Marcha da Coluna, podia se observar que o cerco em Teresina se revelou, por um lado à inaptidão do governo e do outro a ousadia e esperteza dos revoltosos.

[...] racionalmente, a coluna não tinha condições de enfrentar as tropas governistas, pois era inferior em número e em munição. Porém, o recuo poderia significar a derrota: “tornava necessário similar força e superioridade, visto ser a defesa impossível. O ponto de vista tático exigia, pois, que se rematasse a perseguição com o cerco a Teresina, sendo ao mesmo tempo assaltada a cidade maranhense de Flores, que lhe fica fronteira”. O cerco a Teresina resultou para a coluna em mais um efeito heróico. Prestes conclui o cerco e logo se retira, deixando como perda um de seus líderes, Juarez Távora, preso em campanha. (JUNIOR, NEVES, FERREIRA, DELGADO, 2006, p. 338).

Podemos perceber que não houve uma guerra verdadeira em meio a Teresina, mas relatos ressaltam que foram registrados por várias testemunhas a existência de conflitos.

Na madrugada do dia 27 (de dezembro), notando grande tiroteio em terra, à Praça Deodoro, próximo ao Palácio do Governo, e temendo uma infiltração do inimigo no setor norte da capital (...) lancei em terra um contingente de desembarque, às 3 horas da manhã, a fim de proceder a um reconhecimento

às áreas adjacentes ao Palácio do Governo, praça Deodoro e Rua Álvaro Mendes (...) Quando próximo ao cais, a patrulha descia a Rua Álvaro Mendes, um dos praças foi atingido por um projétil mauser que lhe atravessou o abdômem (...) Requisitou-se uma ambulância, mas, até às 6 horas da manhã quando veio a falecer (o marhearinheiro chamava-se vírílio da Costa), não chegara.(CASTRO, 201,p.182).

Configurando a prisão de um dos membros da Coluna, Juarez Távora foi ainda preso na cidade de Teresina num desses conflitos configurados, onde Castro(2010) relata que

Analisando os depoimentos de pessoas envolvidas no episódio da prisão de Távora, e fazendo uma comparação com o do prisioneiro não há dúvidas de que ele se entregou. Em primeiro lugar, o encontro dos soldados de Costa Araújo com o chefe revolucionário se deu no cruzamento da linha telegráfica, que vinha de Teresina, no sentido norte-sul, com uma estrada, antes das Areias, no sentido leste-oeste, que ia da margem do rio para onde fica a BR que liga a capital a Monsenhor Gil. Ali houve troca de tiros e os rebeldes fugiram em direção sul, voltando para o QG nas Areias. A perseguição dos governistas foi feita no sentido norte-sul. [...] Encurralado na mata perto do rio, Juarez Távora foi visto saindo por uma porteira de uma casinha, vindo em galope frontal para onde estavam as forças do Governo, e não fugindo como era de se esperar, mais indo para o sul. [...] Ele tinha outras opções de fuga. [...] Fica difícil imaginar que um oficial gabaritado como era, e que, no dia anterior, armara todo o esquema de evacuação das forças prestistas, a fim de levantar cerco sobre Teresina e Timon, inclusive mapas da região, pudesse seguir exatamente para onde estavam seus inimigos. (CASTRO, 2010, p.190).

Infelizmente a historiografia não aponta ao certo o que ocorrera nesse episódio, bem como aponta Camilo Filho, “a prisão de Juarez Távora deixou Teresina em verdadeiro pânico”. Denota-se que de vários lugares apareciam pessoas para visitar o revoltoso que havia sido preso. Até mulheres faziam fila para ver o prisioneiro. Contudo, podemos destacar que a visita mais importante a esse revoltoso fora a do Bispo Diocesano Dom Severino Vieira de Melo.

Tendo conhecimento que Juarez Távora era um revoltoso católico, o Bispo fora ao seu encontro na tentativa de impedir que um confronto maior entre colonistas legalistas viessem a acontecer por consequência da prisão do colonista. Contudo, Távora, em uma jogada de esperteza tenta impressionar Dom Severino afirmando que os colonistas iriam invadir a capital para resgatá-lo, fato que ocasionaria um verdadeiro banho de sangue na cidade de Teresina.

Na verdade, Prestes em um depoimento dado ao historiador Werneck Sodré (PRESTES, 1990) afirma que não tinha condições de atacar a cidade de Teresina por falta de munição, por isso, os revolucionários não tinham planos de atacar e dominar a cidade, pois

como argumentado anteriormente, eles tinham conhecimento da potencialidade militar das tropas legalistas e confrontá-las naquele momento seria um evento perigoso, podendo ocasionar muitas perdas além daquela que já tinha sido deixada na cidade. Contudo, Juarez Távora redige uma carta para Prestes pedindo que não domine a Capital em prol do pedido do Bispo e este segue para a vila de Natal, a fim de entregar a correspondência.

Luis Carlos Prestes em resposta argumenta a sua preocupação com a garantia das pessoas que residiam na cidade de Teresina e afirma que não iriam tomar a cidade por pedido de Juarez Távora e avisa às tropas legalistas que estas não saíam de suas posições e não perturbem a tranquilidade dos colonistas. O que acontecera de lance é que o revoltoso Juarez Távora temia ser espingardeado por representantes do governo que estavam vindos do Rio de Janeiro, visto que este era o rumor que circulava na capital piauiense e, inclusive, Anita Prestes trás em sua obra “A Coluna Prestes” que Matias Olímpio apelava para o presidente Bernardes apoio e solicitava o envio de forças federais para a defesa do Estado e, principalmente, para sua capital, Teresina.

Os “revoltosos” antes mesmo da influência do Bispo já haviam dado início à retirada da tropa da cidade de Teresina partindo para a invasão do Ceará. À proporção que a Coluna saía da capital do Piauí dirigia-se por Valença, Oeiras, Picos e Pio IX. A estratégia das tropas lideradas por Prestes era seguir para o Ceará dando uma volta por Picos até Valença. Como andavam necessariamente separados por precaução e proteção do bando, um grupo passou por Ipiranga. Lá eles encontraram resistência por parte do batalhão do Capitão Joaquim Rufino. Mesmo assim, os “revoltosos” conseguiram invadir a cidade levando mercadorias e distribuindo alimentos para as populações carentes.

Outra parte do bando ocupou Oeiras em 20 de dezembro de 1925. Na primeira capital do Piauí, eles saquearam a estação telegráfica, casas de comércio, mataram várias cabeças de gado, colocaram arreio em dez cavalos e seguiram para Picos.

O objetivo era criar um sistema de retaguarda mais para o centro do território piauiense, justamente para garantir maior segurança aos mil rebeldes que marchavam para a capital. A ideia era proteger a Coluna de um possível ataque de tropas bernardescas vindas do Vale do São Francisco. (CASTRO, 2010, p. 191).

No dia 7 de janeiro de 1926 os colonistas chegaram a Valença. O prefeito da cidade fugiu e a fazenda dele foi incendiada e os colonistas saquearam armazéns e comércios da região. A Coluna chega à cidade de Picos em 12 de janeiro e os picoenses ficaram apavorados com a entrada dos “revoltos” na cidade. Devido esse espanto, o prefeito na época da passagem

da Coluna, o Sr. Coronel Francisco Santos fugira quando soube a notícia da vinda dos “revoltosos” a Picos, os mesmos realizaram diversos saques a casas comerciais e danificaram aparelhos telegráficos da cidade.

No dia 26 de março de 1926, depois de cursar o Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte e Pernambuco, toda a Coluna Prestes chega à Bahia para daí marchar novamente em direção norte como manobra de sobressair das tropas legalistas.

Há notícias de revolucionários em Simões dia 12 de julho, Jaicós, 13, já vindos de Paulistana. Em Jaicós foi registrada a presença de Prestes, Siqueira Campos, João Alberto e outros. [...] Seguem para Picos, chegando a 14. [...] Os revoltosos passaram também em Paulistana e Simplício Mendes e nas proximidades de São João do Piauí. (CASTRO, 2010, p.221).

Vindo pelos rios Itaim e Canindé, a Coluna Prestes chega a capital da fé, Oeiras, no dia 17 de julho de 1926. Na primeira capital do Piauí, os “prestistas” foram recebidos com afetividade pela família Nogueira Tapety. Contudo, a maioria da população buscou se esconder em locais afastados da cidade, deixando para trás tudo que tinham: gado, mantimentos e dinheiro, que foram saqueados e levados pela tropa de Luís Carlos Prestes.

Os colonistas saem de Oeiras a 23 de julho, no entanto, o que acontecia era uma evasão desesperada para confundir as tropas inimigas. Nesse longo percurso em direção ao norte, a Coluna procurou evitar batalhas diretas com os legalistas.

Nos últimos dias em solo piauiense, a Coluna Prestes passou por sérias privações, até mesmo a falta de água e comida. Esfarrapada e tendo ainda um longo caminho pela frente, marcha cada vez mais para o sul na busca da junção da fronteira do Piauí com a Bahia e Goiás. Em 9 de agosto, já estava em Bom Jesus; a 14 enfrentava resistência nas imediações de Corrente. [...] A 20 de agosto de 1926, os “rebeldes” saíram definitivamente do Piauí, depois de passagens rápidas pelos municípios de Santa Filomena e Gilbués. (CASTRO, 2010, p.315).

Ao sair do Piauí, a Coluna seguiu para o Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Contudo, após percorrer 25.000 km pelo interior do Brasil, durante dois anos e meio, a Coluna Prestes não conseguiu a adesão da população e não conseguira resistir.

No ano de 1926, os homens que ainda continuavam na Coluna decidiram ingressar na Bolívia e com isso desfazer a tropa. A Coluna Prestes não conseguiu atentar revoltas capazes de ameaçar seriamente o governo e ter a destituição do mesmo, mas também não foi derrotada por ele. Isso nos demonstra que o poder na Primeira República não era estável.

A Coluna evitou entrar em choque com forças militares ponderáveis, deslocando-se rapidamente de um ponto para outro. O apoio da população rural não passou de uma ilusão, e as possibilidades de êxito militar eram praticamente nulas. Entretanto, ela teve um efeito simbólico entre os setores da população urbana insatisfeitos com a elite dirigente. Para esses setores, havia esperanças de mudar os destinos da República, como mostravam aqueles heróis que corriam todos os riscos para salvar a nação. (FAUSTO, 2009, p.310).

Segundo relatos de Ana Paula Almeida (LIMA, 2011) muitos não tinham uma boa impressão da Coluna quando a mesma passou por Oeiras. Os oeirenses que recordavam a coluna através da fala maternal ou de algum parente, não via a Coluna com bons olhos. Contudo, segundo o relato apontado por Possidônio Queiróz, oeirense nato, e que cresceu e viveu em Oeiras nos trás uma nova versão dos fatos narrados, todavia, cada um via a coluna de uma maneira, o olhar sobre a coluna e sobre Luís Carlos Prestes apresenta-se de forma variada e isso procuraremos discutir mais adiante no meu terceiro capítulo.

Além do mais damos enfoque ao nosso objeto primário de pesquisa que é o seu Possidônio Queiroz, para os familiares e amigos chamado carinhosamente como “Possí”. Nascido e criado em Oeiras e com um conhecimento engajado em todos os papéis da sociedade e do mundo.

A Cidade de Oeiras de acordo com o Instituto Histórico de Geografia e Estatística, é considerada o núcleo mais antigo do Piauí e berço da história e colonização do Estado. Foi sede da Província até 1852 quando o Conselheiro Saraiva transferiu a capital para a Chapada do Corisco, onde hoje se encontra Teresina. Localiza-se a 313 quilômetros da Capital e possui uma população aproximada de 35.640 habitantes em uma área de 2.702 quilômetros quadrados.



Figura 3 - Localização de Oeiras
Fonte: Wikipédia

Localizada no Piauí tem aspecto social e cultural, localizada e tida como primeira capital do Piauí e propagada como a capital da fé, onde os rituais católicos são muito fervorosos dentro da cidade. Com isso, ganha destaque a primeira Igreja da cidade, Nossa Senhora da Vitória que fora protagonizada toda em estilo barroco, além de outros elementos culturais como o teatro, além de outras igrejas na região que foram marcadas pelo processo cultural oeirense. Um fato curioso, relado pelas pessoas da cidade é que na época colonial os escravos dividiram a igreja entre eles e as pessoas de cor branca, igreja tida por nome “Nossa Senhora da Conceição”, e quando se visitado esse centro histórico é perceptível à construção e o processo divisório feito pelos escravos.

Com relação ao processo de povoamento, o início do mesmo teve surgimento quando a Casa da Torre, grande fazenda de gado localizada na Bahia, recebe sesmarias para dar continuidade à criação de gado no sul do estado, rumo aos sertões de dentro. Então, Francisco Dias D’ Ávila em sociedade com Domingos Afonso Mafrense penetram o território nordestino. Logo, dessa forma, tratou de solicitar sesmarias no Estado que, em 1676, foram doadas pelo governador de Pernambuco.

Assim sendo, depois de concedidas as sesmarias naquela terra, Domingos Afonso Mafrense funda a fazenda Cabrobó, localizada a margem direita do Riacho Mocha. Observa-se que nas proximidades dessa fazenda houve um povoado com capela que, em 1696, foi elevado à freguesia sob a invocação de Nossa Senhora da Vitória, desprendendo do episcopado de Pernambuco. No ano de 1733 é edificada a Igreja de Nossa Senhora da Vitória tornando-se o primeiro templo regular do Piauí como comentada anteriormente.

Nessa perspectiva, como nos aponta Certeau, “o fazer história” se apoia num poder político que criou um lugar limpo (cidade, nação, etc) onde um querer pode e deve escrever (construir) um sistema (uma razão que articula práticas) (CERTEAU, 2000).

Notadamente, Carvalho (1992) nos aponta que em 26 de dezembro de 1717, aquela povoação é elevada à categoria de vila, com o nome de Vila da Mocha, fazendo referência a um riacho ali situado. Em 1718 é criada a Capitania do Piauí com o nome de São José do Piauí, mas só efetivada em 29 de julho de 1756 quando é nomeado o primeiro governador da capitania João Pereira Caldas, que toma posse em 1759. No dia 13 de novembro de 1761 a Capitania é elevada a categoria de cidade e torna-se Capital do Piauí com o nome Oeiras em preito a Sebastião de Carvalho.

Oeiras é um importante centro cultural do estado e é considerada uma das cidades mais religiosas do Piauí, daí o título de “Capital da Fé”. Uma cidade de muitos pontos históricos, dentre eles o museu de arte-sacra, onde hoje tido como museu, mas na época da passagem da Coluna por Oeiras, era tido por nome “Casa do Canela”, onde fora acolhido todos os pretistas, inclusive o seu comandante Luís Carlos Prestes e, também, onde o senhor “Possí” foi quem os recepcionou e acolheu quando os mesmos chegaram a Oeiras, fazendo da “Casa da Canela” um ambulatório para os feridos e doentes, como também casa de apoio para os colonistas.



Figura 4 - Atual museu de arte sacra na cidade de Oeiras, antes “Casa do Canela”, onde se refugiaram os prestistas quando passaram por Oeiras.

Fonte: Acervo pessoal de Francisca Shayane

Ao nosso foco de estudo estará em ascensão à análise da passagem da Coluna Prestes na visão de Possidônio Queiroz, em que procuramos cruzar as narrativas de relatos bibliográficos com a literatura e o discurso oficial de Possidônio sobre a Coluna e Luís Carlos Prestes.

Oeiras, portanto, no momento de sua constituição histórica e de povoamento, era considerada uma cidade pacata, dominada economicamente pelos grandes fazendeiros criadores de gado e que exerciam também uma forte influência política.

Podemos perceber que na segunda metade do século XIX houve a sua decadência administrativa e econômica, herança advinda da transferência da capital para Teresina em 1852, organizada pelo então Presidente da Província Conselheiro Saraiva. Já era muito complicado o desenvolvimento econômico do Piauí e suas regiões mais distantes se encontravam nesta época, desprovidas de grandes riquezas. As atividades artísticas e culturais que ali se encontram eram apenas casos isolados e raramente documentados ou relatados pela historiografia piauiense.

“A velha terra sofreu duramente, o rude golpe. Desanimou-se. Viu caírem muitos dos seus monumentos antigos, prédios que nos falavam de passado histórico, pleno de lutas, de sofrimentos e de conquistas. Caíram ruas. Mas não morreu o ideal religioso. Na segunda década deste século, renovou, em movimento frágil, a idéia generosa que não vingou”. (QUEIRÓZ, 1976)

A Antiga cidade piauiense entra no século XX cheia de anseios e ânsia, contudo, uma imensidão de aspectos precisava dimanar de dentro dos sentimentos dos oeirenses de forma que toda a aflição não repassada por meios de movimentos urbanos de aversão pública com o descaso administrativo. Podemos observar que a falta de movimentação cultural, artístico e ou entretenimento, faz em seguida, da excitabilidade de alguns da cidade, a nascerem grandes e belas obras de arte que ficou na memória daqueles que viveram os “tempos de Ouro”⁴⁹ da renovação sociocultural da velha capital Oeirense.

As representações culturais da “velha capital”, como assim se referem os intelectuais da ex-capital piauiense, pode ser extraído as mais intermináveis interpretações das relações socioculturais tendo em vista a apreciação ou agudeza dos anseios exteriorizados pelo autor no momento do contexto contemporâneo à obra e a quem foi destinada (criação religiosa, à elevação das emoções amorosas proibidas de se externar, homenagem a grandes personalidades que trabalharam em prol da sociedade oeirense).

A antiga capital só fora ter melhoramentos urbanísticos com a instalação do serviço de distribuição de energia elétrica na década de 1930, depois da triste transferência para capital que hoje é Teresina e foi justamente nesta década que os colonistas passaram por Oeiras.

[...] A capital do estado até 1852, que depois teve sua Idade Média num como estacionamento de longos anos. Oeiras aqui está. Aqui estamos nós, - endomingadas as almas, empavesados os corações, abertos os diques à

alegria sem par, soltas à imaginação exaltada, sentindo a grandeza g do nosso passado, sentindo se animarem todas as nossas possibilidades presentes, sentindo o esplendor do futuro, entre embriagadoras expansões, cânticos de júbilos, fanfarras de prazer! (QUEIROZ apud MACHADO, 1998).

Fora a partir da década de 1930, que a velha Capital se levantou e extraiu para a melhoria e tentando se recobrar o tempo em que se entregou à insensibilidade desde que deixara de ser a capital do Piauí. Novos governantes trouxeram novas ideias ainda mais avançadas para se dedicar a reconstrução da cidade, realizando assim melhorias, tais como obras públicas que foram revigoradas e cada vez mais dava um aspecto de um novo perfil.

Dentro do que foi realizado, temos a reforma do mercado público municipal, que tanto contribuiu para ter o processo de intervenção ao comércio local, houve a instalação de uma usina hidrelétrica na cidade possibilitando o aceleração de melhorias; novos prédios, como também foram destinadas obras para o espaço cultural como: Cine Teatro Oeiras, Café Oeiras, Associação do Comércio, Indústria e Agricultura.

Podemos denotar que o olhar de Possidônio sobre Oeiras onde em suas cartas ele escreve a situação e o contexto da velha capital, num artigo publicado pelo professor doutor Francisco Alcides do Nascimento, em que em sua autoria desvenda e nos trás as cartas de autoria do velho Possí sobre Oeiras, onde o mesmo destaca que

Oeiras foi a primeira capital da Província, perdendo esta posição em 1952, quando José Antonio Saraiva, governador do período, transferiu a sede do governo para Teresina, atual capital do Estado. Sobre este acontecimento, Possidônio Queiroz escreveu que “Oeiras sofreu um enorme colapso[...] a antiga metrópole experimentou a dependência que atingiu a tantas outras cidades brasileiras, em situação idêntica”. A comunicação trata também do Possidônio Queiroz, músico, historiador, advogado prático(rábula), que apesar de não ter chegado ao ensino de terceiro grau, instituiu-se e construiu-se como intelectual, lendo à luz de lamparina, recebendo parcos salários pelos serviços prestados ao município, na Prefeitura da cidade, proprietário de uma pequena papelaria, mas acima de tudo como historiador da cidade. Em um conjunto documental que denominou de História de Oeiras, Possidônio Queiroz narra fatos/acontecimentos relacionados à economia, à política, à religião e ao cotidiano da cidade. Em textos manuscritos da década de 1980, escolhido de forma aleatória para esta comunicação, Possidônio traça um rápido perfil do primeiro prefeito de Oeiras, depois da Revolução de 1930[...] [...] *As cidades de Possidônio* junta dois campos históricos, cidade e escrita de si. Neste caso, as cartas informam sobre o cotidiano da cidade, datas comemorativas, muito especialmente sobre festas religiosas. A leitura das cartas permitem compreender o papel destacado do intelectual na construção das múltiplas cidades que compõem a primeira capital do Piauí.(NASCIMENTO, 2012.)

2.2 Quem é Possidônio Queiroz ?

Possidônio Nunes de Queiroz, pessoa de grande índole e que deixou um vasto legado cultural, nasceu em 17 de maio de 1904, e desde muito cedo fora fascinado pela música, recebeu alguns ensinamentos do maestro Jeremias Rodrigues e do flautista João Rego, no entanto, o seu alento de vontade e o amor imensurável pela divina arte fez nascer um grande músico, em virtude da flauta, instrumento pelo qual o Seu “Possí” era tão apaixonado.

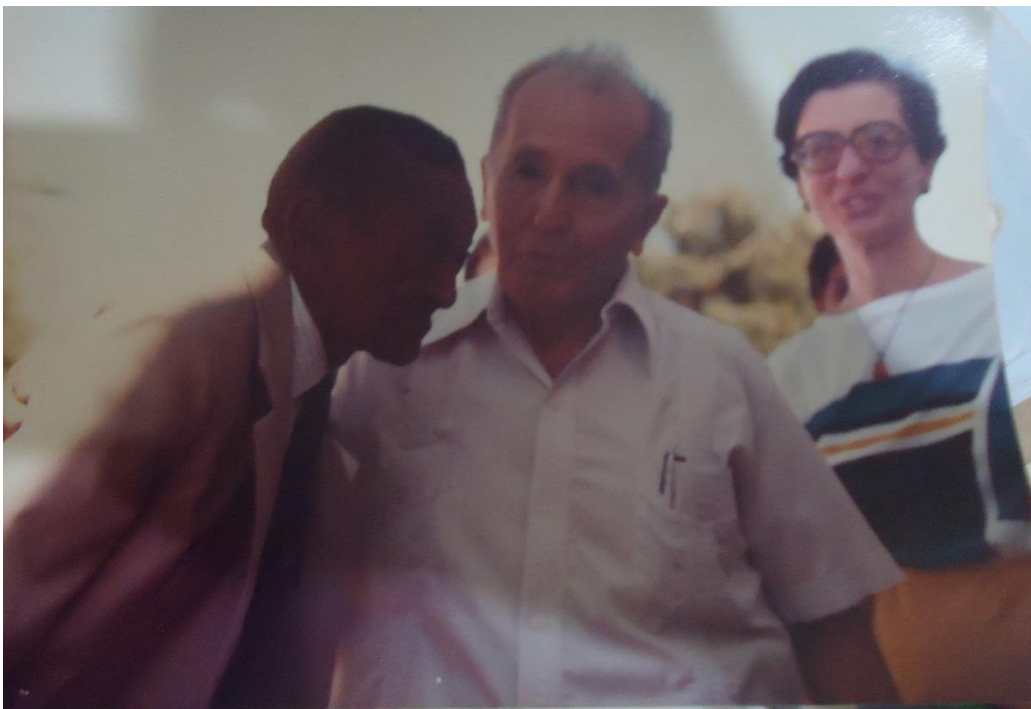


Figura 5 - Seu Possí Com Luís Carlos Prestes e sua filha Anita Prestes
Fonte: Acervo pessoal de Shayane Avelino.

Hegel (1972) ao pronunciar sobre o conceito de absoluto esclarece-nos esta condição infinita que é o universo e seres limitados como somos tentando limitar o infinito que é o universo com o a ideia de finito que é o nosso tempo. Por isso nos impede de fazermos muita coisa, mas em certos momentos ajuda muito a podarmos os “bonsais” das produções para que não saiam dos limites dos objetivos estabelecidos.

Voltando ao nosso tema, a figura de Possidônio Queiroz está no contato com os documentos e cartas que tivemos acesso no seu acervo pessoal, onde o seu bisneto Rodrigo Queiroz cedeu o espaço do acervo para a pesquisa e fora lá que tivemos contato com documentos, e pode-se ver o digno cidadão oeirense. Ao se deparar com essa documentação

vimos que existia algo mais interessante ainda, ele mesmo escrevia as próprias memórias sobre alguns momentos vividos e a maioria de suas cartas e documentos ele tirava uma cópia para guardar em seu acervo.

Um vasto acervo, que quando me deparei com a quantidade de fontes e cartas não sabia o que fazer, porque uma riqueza imensa de arquivos e todos guardados de acordo com cada período, acontecimento e tudo mais, além de ter o prazer de ver fotos e a flauta que ele tanto tocava durante o dia a dia e nas orquestras pelas quais fazia. Partindo do acervo fui analisar e ver quem era Possidônio Queiroz e porque ele era tão esquecido dentro da cidade de Oeiras apesar de toda riqueza que trazia, além de tratar da busca do meu foco de pesquisa que será desmistificado no capítulo terceiro desta monografia, que é exatamente o contato que o “velho Possi” teve com Luís Carlos Prestes e as trocas de cartas que tinha com sua filha Anita Prestes.

No processo de partida da pesquisa fui conhecer Possidônio. Sendo ele Oeirense, acreditamos que Possidônio Queiroz fora um grande colaborador dessa escrita. Intelectivo e intenso movimentador cultural, lançou e refletiu informações através de cartas e registros de memória. Fonte dessa narrativa historiográfica transcorrerá acerca dos olhares de Possidônio sobre os arranjos sociais da sua majestosa arte em Oeiras.

Da conversa que sempre travava com os mais velhos em busca de relatos, causos e peripécias da convivência destes com Possidônio Queiroz, vez por outra saía informação de que ele se trancava em seu escritório, com as portas para a praça do mercado público e de lá sair com uma música (que saudasse seu sentimento, uma alma amiga ou homenageado), um discurso a proferir no dia seguinte (para ele, ou algum político) ou simplesmente depois que terminar a leitura de um livro. Penso que em meio a uma intelectualidade provocadora de um cérebro inquietante, pensante, crítico, curioso, pudesse em contrapartida conviver com “lancinantes” momentos de solidão. (LIMA, 2009, p. 24).

Podemos perceber assim que segundo Foucault em *A Escrita de si* analisa o autor que escrita serve como prática ascética. Assim, afirma que ela (a escrita) “atenua os perigos da solidão; dá o que se viu ou pensou a um olhar possível; o fato de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro” (CERTEAU Apud FOUCAULT, 1992). E é isso que Possidônio não fazia, ele não queria a companhia de ninguém no seu processo de escrita, seja de cartas ou documentos, ficava trancado no quarto escrevendo sejam documentos ou cartas, seja compondo músicas ou ensaiando com sua flauta.

O seu Possidônio Queiróz nos permite traçar essas séries utilizando a escrita de si para analisarmos anseios, sociabilidades, festividades e além de nos aventurarmos no mundo

grandioso do arquivo “Possidônio”, sobretudo no que diz respeito às cartas, registros autobiográficos e de recordação. O seu acervo pessoal consta de um fascinado de itens que rapidamente nos chama a nossa atenção.

São eles: uma biblioteca com centenas de livros (literatura, historiografia, filosofia, religião, política, manuais do governo, estatísticos, revistas de institutos históricos e geográficos, direito, folclore, cultura); cartas com correspondências organizadas em pastas classificadoras (muitas vezes destinadas a um único correspondente – intelectuais do estado e fora dele); pastas onde guardava narrativas sobre a história da cidade; correspondência com familiares, personalidades diversas; pastas com registros de memória, relatos íntimos, resumos críticos sobre uma obra qualquer; periódicos, entre outros. (LIMA, 2009, p.60).

Em meados da década de 1920 “Seu Possidônio” trabalhava como ourives nas fábricas dos mestres que lhe acolhiam. Nessa época, “Seu Possí” já manejava a flauta com intuito de estudar (era uma flauta simples de ébanos com cinco chaves). Encontramos no seu arquivo páginas de uma memória sua sobre a década de 1920 a qual intitulou de Recordações – III. Nesses documentos ele descreve algumas situações que lembra com clareza de fortes momentos de simplicidade, confrontando-se com nossa realidade atual acomodada com tanta tecnologia que possibilita o acesso à música em todos os momentos da vida. Possidônio sempre tinha a paixão pela música e esse meio tecnológico ia sendo deixado de lado e isso muito o incomodava.

Filho de Raimundo Nunes de Queiroz e Francisca Soares de Queiroz, Possidônio Nunes de Queiroz, nasceu em 17 de maio de 1904, na cidade de Oeiras. Cresceu num ambiente familiar recheado por grande quantidade de membros e amigos que faziam da casa um ambiente sempre visitado, acolhedor (por isso o apelido carinhoso de sua mãe, chamada de Mãe Chiquinha), lugar religioso e de muito trabalho. (QUEIROZ, 2009)

Lembra Possidônio que se visitavam muito os morros dos arredores da cidade a passeio e cita: “Leme”, “Morro da Cruz”, “Morro da Sociedade”. Tinha-se como dia de passeio o domingo, onde os passeantes escreviam neste último “seus nomes ao lado das pessoas amigas e queridas. Morro da Sociedade! Quantas juras de Amor lá por cima”.(QUEIROZ, 1990)

As novenas eram o meio de aproximação maior dos apaixonados que, admirados pelas moças, enamoravam-se à distância com olhares acompanhados de bonitas “ladainhas de inspiração celênica” com “coração a palpitar por outros corações a que se sentiam presos pela corrente magnética dos olhares”. “Ladainhas entoadas com ênfase”, e na igreja, com a vigilância dos santíssimos que rodeavam o templo a verificar que o que acontecia era “Uma

olhadela, de meio minuto para a imagem da Madona, lá no seu nicho, e o resto da celebração religiosa, uma hora, ou mais de muda e adorativa contemplação para os olhares poéticos, doces, encantadores da deusa e cujos pés tinha a alma acorrentada”.

Possidônio Queiroz também exerceu o ofício durante a década de 1920. Tinha exatos 16 anos de idade e não possuiu nenhuma oficina. Trabalhou com os mestres Salomão Sena, e depois Francisco Campos. Fizera vários trabalhos como medalhas e alianças e, em 1929, deixa profissão para assumir o cargo de funcionário público como Secretário da Prefeitura juntamente com o prefeito José Sá e o tesoureiro Raimundo Costa Machado no momento da história brasileira em que toma posse do Governo Federal o presidente Getúlio Vargas.

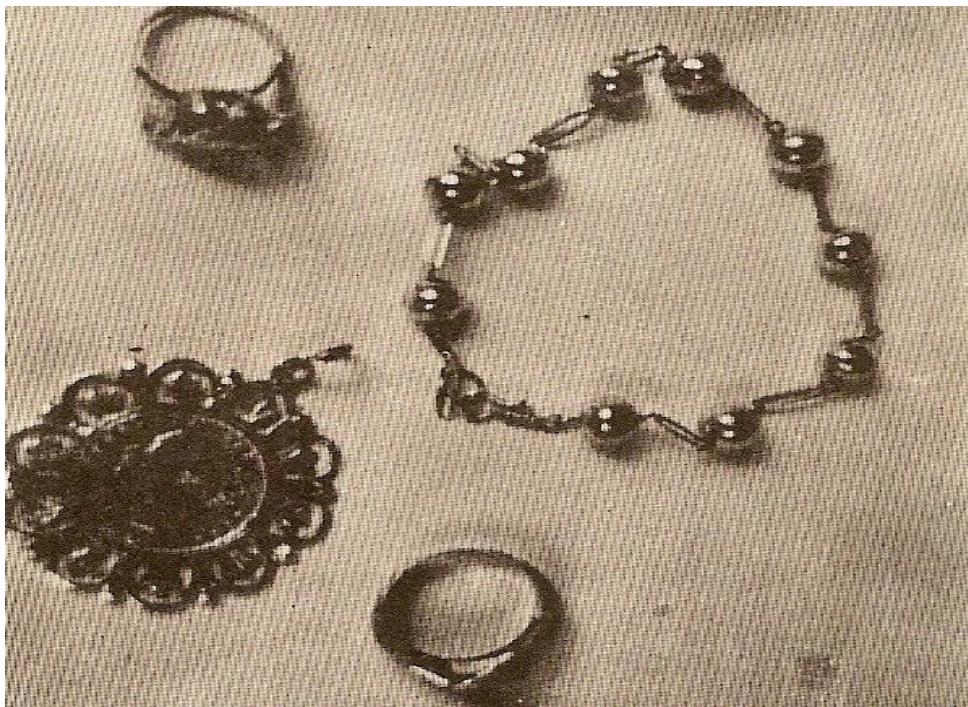


Figura 6 - Medalha por Possidônio Queiroz- Oeiras(PI) – [192-?]

Fonte: Revista do Instituto Histórico de Oeiras N.º 3, 1980, p. 59.

Tendo em vista a oposição existente em torno de Luís Carlos Prestes e o levantamento acerca do mesmo, nos leva a crer a uma imagem popular e retratada historicamente, e é dentro desse campo historiográfico que pretendemos entender e fazer o uso da sua imagem, fazendo assim um levantamento de suma importância para obter uma visão mais detalhada de Luís Carlos Prestes. Quem era ele afinal como militante e “revoltoso”? Será um herói ou um anti-herói?

Não estou aqui para afirmar nem um e nem outro, até porque as visões em torno dele são muitas e é nesse processo discursório que irei trabalhar. Possidônio Queiróz, nem era do meio político, atuava com sua exuberante flauta e o seu modo solitário de escrever cartas e

documentos naquela época, mas quando os colunistas chegaram à velha capital a cidade em si ficou alvoroçada, mas Possidônio não foi lá e os acolheu, como comentado em parágrafos anteriormente citados. Partindo desse pressuposto o terceiro capítulo são as interpretações em torno de Luís Carlos Prestes, tendo como objeto central a figura de Possidônio Queiroz e a passagem da coluna na sua cidade.

CAPÍTULO 3 - As Interpretações em Torno de Luís Carlos Prestes

3.1 Os comentários sobre Luís Carlos Prestes

Diante do acervo pessoal do ilustre “Seu Possidônio” Queiroz comecei a me questionar sobre quem era Luís Carlos Prestes, porque Possidônio o acolheu quando chegou a Oeiras e a partir dessa proximidade, quando Prestes retorna nessa cidade pela segunda vez “Possí” é quem profere o discurso em prol do feito de Prestes. Tendo contato direto com as cartas trocadas entre Possidônio e a filha de Prestes, Anita Prestes, comecei a me instigar pelo processo de desenvolver o meu trabalho a partir daquilo que Michel Certeau nos relata “o dito e não dito”, afinal quem se fala, porque se fala e qual a intenção do mesmo a falar e representar Luís Carlos Prestes.

Escolhi tratar e abordar o Possidônio, pois foram suas cartas que me deixaram intrigadas sobre quem era Prestes afinal. “Possí” como apontado anteriormente era um flautista, mas detinha um vasto conhecimento, por esta razão que ele foi o meu componente primordial de estudo, apesar de serem apresentadas outras bibliografias e o próprio relato de Luís Carlos Prestes sobre a Coluna, por isso o título desse capítulo “As interpretações em torno de Luís Carlos Prestes”.

As pessoas que vivenciavam ou que tem as memórias de parentes que passaram pelo grande constrangimento que foi a passagem da Coluna, nos deu a perceber que esses relatos não eram de nenhuma forma elogiando e engrandecendo o feito de Luís Carlos Prestes. Entretanto, surge-nos o questionamento de porque tantos artigos, literatos, historiadores, tinham um olhar sobre Prestes diferenciado bem como o via Jorge Amado que atribuía a Prestes o adjetivo de “Cavalheiro da Esperança”. Assim, de fato ele era uma pessoa que poderia trazer esperança para o Brasil?

Partindo de vários questionamentos e argumentação, iniciei esta pesquisa e estou aqui para referendar a vocês leitores um pouco do que colhi e aprendi sobre o Luís Carlos Prestes, como muitos apontam o “Esperançoso”. Tendo em vista a oposição existente em torno de Prestes e o levantamento acerca do mesmo, nos leva a crer em uma imagem popular e retratada historicamente e é dentro desse campo historiográfico que pretendo entender e fazer o uso da sua imagem, fazendo assim um levantamento de suma importância para obter uma visão mais detalhada de Luís Carlos Prestes. Quem era ele afinal como comandante da coluna? Será um herói ou um anti-herói? O presente trabalho não busca afirmar nem um e

nem outro, até porque as visões em torno dele são muitas e os autores que trabalham vai da uma fala de heroísmo sobre ele, mas e o não dito?

Este trabalho tem por base trazer Prestes através de bibliografias e cartas que trabalham em torno do mesmo e o vê como sendo uma pessoa autêntica que poderia salvar o Brasil e poderia, assim, dá um futuro melhor para toda a população brasileira, principalmente aqueles que possuíam uma renda de classe baixa.

3.2 Quem é Luís Carlos Prestes?

Segundo Aldo Lins e Silva (1980) em sua obra *Luís Carlos Prestes: Dados Biográficos*, Prestes nascera em 3 de janeiro de 1898 em Porto Alegre (Rio Grande do Sul), seu pai Antônio Ferreira Prestes , sendo oficial do Exército, e tendo participação ativa na Proclamação da República. Sua mãe Leocádia Felizardo Prestes, vinha de uma família abastada de Porto Alegre, que, no entanto, havia-se arruinado com a morte de seu pai.

Órfão de pai, Prestes cresceu num ambiente de muitas privações e logo cedo teve que assumir o papel de chefe da família. Em relação aos seus estudos, os mesmos foram proferidos no Rio de Janeiro em um Colégio Militar e, posteriormente, numa Escola Militar, pois, infelizmente, a carreira como militar era o único meio pela qual um jovem de família pobre e órfão de pai deveria seguir. Mesmo ele sofrendo muitas dificuldades tanto pessoais, como no curso ele tinha que fazer por onde dar o melhor para Dona Leocádia e suas irmãs.

Chegado aos 22 anos de idade, tendo efetuado um curso na Escola Militar, onde se destacou em primeiro lugar da sua turma, sendo Prestes diplomado engenheiro militar. Contudo, sua vida como militar fora muito curta, com duração de 1920-1924, onde já havia conseguido a patente de capitão do Exército. No ano de 1922, Prestes ainda participa da conspiração preparatória do primeiro 5 de julho no Rio de Janeiro, para mais tarde vir a eclodir sucessivas revoltas com a coluna prestes.

Em 1921 quando lançara “as cartas falsas” de Arthur Bernardes forneceram a ocasião histórica para a entrada de Prestes na vida política, através do tenentismo. Prestes passou a frequentar as reuniões do Clube Militar e, de fato curioso, apesar de estarem começando da autenticidade às cartas, votou contra a realização de uma perícia nelas, por achar que não havia condições de levar até o fim uma luta conseguinte contra o governo, como explicou a um colega: “O meu gosto foi de lavar as mãos. Eu quero ver o que vocês vão fazer. Porque perícia vai dizer que as cartas são de Bernardes e eu não tenho dúvida. E vai se fazer o que? Há unidade entre nós para fazermos alguma coisa? (eu não acreditava que houvesse) . Agora eu te digo: enquanto eu vesti essa farda estou com vocês. (VIANA, 1959, p.1).

E realmente participou desde o início das articulações tenentistas, assumindo, assim, o comando da Companhia Ferroviária. Politicamente, a ideia primordial dos tenentes era derrubar o governo de Epitácio Pessoa, através de um levante, que impediria a candidatura de Arthur Bernardes e colocar no governo o marechal Hermes da Fonseca.

Em 1924, quando do levante de 5 de julho de São Paulo, Prestes servia no Rio Grande do Sul. Com a derrota do movimento em São Paulo e consequente deslocamento das forças revolucionárias para Foz do Iguaçu, Prestes intensifica a preparação do levante do Rio Grande, que se inicia em 29 de outubro desse ano, nas unidades do Exército de diversas cidades, inclusive Santo Ângelo. Prestes é designado, pelo general João Francisco Pereira de Sousa, comandante das forças revolucionárias da região missioneira, no Noroeste do Rio Grande do Sul. Após duros combates, as tropas comandadas por Luís Carlos Prestes marcham em direção a Foz do Iguaçu, onde se juntam às forças provenientes de São Paulo. Tem início a famosa “marcha da coluna” que posteriormente entraria para a História com o nome de Coluna Prestes. (LINS, 1980, p.47).

Prestes nessa época era denominado como chefe militar da “Revolta pelos Tenentes”, muitos dos quais também haviam participado da Coluna e já viviam aqui no Brasil clandestinamente. Nisso a Coluna comandada por Prestes percorreu o interior do Brasil, mantendo acesa a chama da luta e atraindo, assim, o governo que facilitava a atividade dos que conspiravam na Capital do País pela queda do Arthur Bernardes, atual presidente na época, já que não conseguiram tirar Epitácio Pessoa do poder.

Prestes estava preso quando se deu início à Coluna Prestes com Miguel Costa, depois transferido para Santo Ângelo no Rio Grande do Sul para reunir mais de 1000 homens na chamada “coluna da Esperança”, onde seu destino nunca mais seria o mesmo. Prestes, não podia mais se calar diante das injustiças governamentais. Saindo de São Paulo, Miguel Costa vai para Foz do Iguaçu, onde Prestes e seus comandantes seguiram para seu encontro e deu continuidade a Coluna. Embaralhar as duas colunas fazia com que a força entre ambas se fortalecesse.

A objetivação dos tenentes, e de Luís Carlos Prestes, era atingir a unificação da justiça de ensino, assim como o regime eleitoral e do fisco, medidas que, segundo eles, contribuíram para moralizar os costumes políticos e, certamente, golpeariam o localismo oligárquico. Defendiam também o equilíbrio entre os três poderes, insurgindo-se contra o arbítrio do Executivo. (PRESTES, 1990, p.97)

O nome dado a Coluna, como a “Coluna Prestes”, foi porque Luís Carlos Prestes ficava na retaguarda e passava por todos os comandantes para saber dos problemas, como

iriam agir, sabia o nome de cada membro e cada reclamação ou ajuda era feita para Luís Carlos Prestes, por isso aonde a coluna iria passando que perguntavam algo, se referiam logo a Prestes, por isso o nome “Coluna Prestes”.

A Coluna Miguel- Costa- Prestes , ou Coluna Prestes, era formada por um estado-maior e duas brigadas, a de São Paulo, com dois batalhões de caçadores, e a do Rio Grande do Sul, com dois regimentos de cavalaria independentes. O comando foi inicialmente definido da seguinte forma: comandante, general Miguel-Costa; estado-maior, major Coriolano de Almeida Júnior; comandante da brigada de São Paulo, tenente Juarez Távora, comandante da brigada do Rio Grande do Sul, coronel Luís Carlos Prestes. (PRESTES, 1990,p.97).

Quando Certeau (1992) indaga sobre o que a história faz, para que ela serve e mais ainda quando ele questiona a sua profissão, é justamente a interrogativa em torno da enigmática relação que mantenho com a sociedade presente e com a morte, através da mediação de atividades técnicas, dentro desse parâmetro, a análise instigante acerca da minha pesquisa destaca bem a problematização existente entre a sociedade presente e as técnicas de mediação, que é justamente a interpretação em torno de Prestes, é um personagem morto, mas que deixou legados e questionamentos em torno de seu processo como militante e revoltoso.

3.3 Interpretações de Luís Carlos Prestes

Anita Prestes enveredou seu livro “Coluna Prestes”, uma obra mais elaborada para falar a respeito do seu pai e o livro trás a sua bibliografia os depoimentos do mesmo sobre os feitos da coluna e também dos demais integrantes da coluna, e o dito aquilo que Anita proferia em valor ao que o pai a tornava como uma verdade que estava sendo dita e que antes as pessoas não sabiam.

De toda maneira, a pesquisa está circunscrita pelo lugar que define uma conexão do possível e do impossível. Encarando-a apenas como um "dizer", acabar-se-ia por reintroduzir na história *a lenda*, quer dizer, a substituição de um não-lugar ou de um lugar imaginário pela articulação do discurso com um lugar social. Pelo contrário, a história se define inteira por uma *relação da linguagem com o corpo* (social) e, portanto, também pela sua relação com os *limites* que o corpo impõe, seja à maneira do lugar particular de onde se fala, seja à maneira do objeto outro (passado, morto) do qual se fala.(CERTEAU, 2000, p. 68).

Nesse caso, Anita Prestes retrata como objeto de estudo o momento em que seu pai como comandante da Coluna ainda não estava morto, por certo seu livro é repleto de citações

referendadas pelo mesmo sobre a Coluna. O lugar social que ela ocupa está frente aos depoimentos que seu pai e comandantes ainda vivos da Coluna davam para ela. O olhar de sua filha nos deixa transparecer um ambiente pela qual a mesma ocupa, o espaço de filha, em momento algum a mesma o critica ou faz levantamentos sobre que seu pai era um anti-herói, na realidade o seu livro traz bases de como se o lugar de onde se fala é dado especialmente a seu pai. No decorrer do livro percebemos inúmeros questionamentos sobre a passagem da Coluna nas diversas regiões que vemos relatos de Luís Carlos Prestes em cada região.

Podemos destacar também que nos agradecimentos da sua obra “A Coluna Prestes”, Anita Prestes destaca o pai como uma inestimável e permanente ajuda a seu trabalho, porque sem ele a mesma conclui que não existiria tal livro. Foram exatamente as informações que ele forneceu, apelando para uma memória indiscutivelmente privilegiada, os seus constantes comentários e opiniões sobre o trabalho que estávamos realizando, e em geral a visão de Luís Carlos Prestes sobre a Coluna. Vale destacar que a autora retrata em sua obra os livros de Abguar Bastos, Néelson Tabajara de Oliveira, Viginio Santa Rosa, Hélio Silva, Edgar Carone, Néelson Weneck Sodré e Neill Macaulay.

Contudo, a autora acima que nenhuma dessas obras aponta especificidades quanto à abordagem sobre a Coluna Prestes, ou seja, apenas o utiliza como fontes secundárias. Ela trata com especificidade aquilo que lhe é dado em depoimento, como o de seu pai e dos comandantes da Coluna, além da fala dos autores secundários, sempre os aponta durante o livro, mas sempre deixa claro que não têm especificidades para se falar da abordagem sobre a Coluna.

Numa entrevista, a filha de Luís Carlos Prestes fala dando ênfase e tendo ele como um herói. Prossegue na entrevista.

O POVO - Ao revisitar a obra de seu pai, há algo que sempre fascina a senhora e que retroalimenta esse desejo de estar próxima dessa literatura?

Anita - O mais importante no legado dele é a preocupação permanente de encontrar os meios e as formas de encaminhar a luta revolucionária no Brasil. A vida dele foi muito pautada, a partir do final da Coluna Prestes, pra esse objetivo. Durante a Coluna, que percorreu, por dois anos e três meses, 25 mil km, ele e alguns dos outros comandantes ficaram profundamente chocados com a miséria pelo interior do Brasil. Prestes não tinha nenhuma noção de marxismo, de comunismo. Por isso também propõe que a Coluna encerre suas atividades e parta pra Bolívia. Ele começa a estudar e se aproxima dos comunistas. Em 1928, se desloca para Buenos Aires, onde começa a estudar o marxismo. Buenos Aires era um centro onde circulavam dirigentes comunistas de toda a América Latina. Começa a ter contatos e é aí que vai se aproximar do marxismo e do Partido Comunista, nesse fim dos anos 20. (*Jornal O povo*, 2013).

A noção de comunismo como a Anita Prestes aponta só é dada a Prestes depois de percorrido 25 mil quilômetros por várias regiões do país, ou seja, ele lutou e fez as revoltas pelo Brasil tendo o conhecimento adquirido na escola militar, mas não do que seria marxismo ou comunismo, basicamente, as ideias dele era propagadas por si só, sem estudo ou estudo avançado sobre as coisas. Mas sair Brasil afora para trazer esperança para o Brasil leva o mesmo a ser como herói pela sua filha, e para muitos, até porque numa parte da entrevista dada ao *Jornal O Povo* a mesma aponta.

Ele era um pai muito especial. Embora na infância eu não tenha convivido muito com ele – foram só dois anos, de (19)45 a (19)47, quando o partido estava na legalidade, ele era senador e morávamos juntos. Me levava para tudo quanto era comício, ato público. Era um pai bastante carinhoso. Até me mimava demais. Fazia todas as (minhas) vontades (risos). Aí nos separamos, mas sempre mantínhamos correspondência. (*Jornal O povo*,2013).

Depois da passagem da Coluna, com a separação de pai e filha, ela, Anita Prestes sempre trocava correspondências com Luis Carlos Prestes e nunca deixava de elogiar seus feitos e sua forma de ter lutado pelo Brasil com a instituição da Coluna Prestes. E assim sendo, articula-se que o lugar a mesma ocupa implica na elaboração de circunscritos de determinações próprias.

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc .Ela está, pois submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É uma função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam. (CERTEAU, 2000, p. 66).

E é nesse meio organizacional como aponta Certeau que as propostas e os métodos são enraizados da pesquisa. Anita Prestes tem uma visão muito ligada ao privilégio de que o pai é posto como elemento primordial do seu trabalho e de sua vida pessoal mesmo, o referendando como um pai especial. E esses privilégios são dados pelo grau de parentesco que é ligado, pai e filha, contudo as noções que obteve durante a vida e por isso se tornou uma historiadora, apesar de muitas vezes não constituímos conceitos ou aceitar preceitos de acordo com nossos pais, Anita aceita e tem o pai como desfecho de sua obra “A Coluna Prestes”, ele e os comandantes como já citei anteriormente são objetos primários da sua pesquisa. O “que ela diz, condiz com “o dito” que ela exalta vendo seu pai narrando os fatos da coluna, mas e o “não dito”? Porque ela não narra também as tragédias que a coluna proporcionou e os

massacres e mortes que teve, isso ela não diz e principalmente da voz aqueles que viveram e viram a passagem da coluna. Porque o não dito era articulado na fala de pessoas que viveram a tragédia que fora a passagem da coluna, mas não se tinha o conhecimento pelo qual fora proferido, depois de tão esperado lançou bibliografias que mostram o dito pelos próprios comandantes e Luís Carlos Prestes sobre a coluna.

Luís Carlos Prestes era realmente visto como “Cavaleiro da Esperança” como aponta Jorge Amado, Literato e através da obra “Cavaleiro da Esperança” demonstra todo o simbolismo que Prestes representou para o Brasil.

Nessas terras do Sul, amiga, nasceu Luís Carlos Prestes. E seu nascimento marca o instante em que começa o fim do tempo dos tiranos. Seu nascimento é a prova de que a raça dos esmagados já tinha adquirido suficiente força para derrubar os tiranos e ganhar a liberdade. Porque essa raça já tinha tanta força e tamanha necessidade que, por fim, havia produzido o Herói. O negrinho do pastoreio, bandeira de escravos, desapareceu nesse dia 3 de janeiro de 1898 da frente dos seus homens. Porque outra bandeira surgira, bandeira dos homens livres. No momento em que ele nasce começa uma nova época para todos os escravos do Brasil. Com ele chega o momento da luta final, o terrível e maravilhoso momento da última batalha (AMADO, 1987, p.4).

Nas terras do Rio Grande do Sul como aponta Amado (1987), foi onde teve os maiores heróis como Anita Garibaldi e o italiano Giuseppe Garibaldi e onde nasceu o prestigioso Luís Carlos Prestes, terra essa de sacrificados e sacrifícios. Prestes teve estimado com o sangue e honra que nem seu pai, segundo Amado.

Antônio Pereira Prestes se fez o mais estimado e conceituado dos juízes. A sua familiaridade com as leis, seu conhecimento das matérias do curso jurídico, e, mais que tudo, o seu inato senso de justiça, a independência de caráter que herdara do pai calafate, fizeram dele um homem popular na cidade, espécie de exemplo de caráter reto, de homem cumpridor dos seus deveres, em que o senso da honra só era igualado pelo senso da justiça, verdadeira justiça, não aquela que se apoia somente na lei, mas a que tem raízes igualmente na bondade e no conhecimento da vida desigual dos homens. (AMADO, 1987, p.4).

Seu pai era um dos mais conceituados juízes, e Luís Carlos Prestes herdou o caráter e exemplos que dera quando fora vivo, fazendo assim a justiça acontecer em prol do benefício de bondade. Isso que Luís Carlos Prestes tentou fazer com a Coluna, reivindicar por direitos e melhorias tanto governamentais, como econômicas e sociais. Como nos destaca Jorge Amado, a obra “Cavaleiro da Esperança” trouxe em si os princípios e ensinamentos de seu pai, mas Amado não referenda Luís Carlos Prestes como um anti-herói, até porque o nome do título da

sua obra já diz o que ele pensa de Prestes, “Cavaleiro da Esperança”, pensar em trazer esperança para o Brasil naquela época não era tarefa fácil, mas se colocado em prática como o mesmo o fez talvez isso se tornasse uma realidade.

Analisando o contexto da época como abordado no primeiro capítulo, o Brasil passara por uma mudança muito grande para enfrentar sucessivas revoltas como foi o caso da Coluna Prestes, sendo assim pensar em fazer justiça em meio a tudo que já estava acontecendo e nas condições desfavoráveis que se tinha, Prestes foi um aventureiro em se deixar levar pela fúria da justiça e fez dos seus comandantes agentes de viagens pelo Brasil afora com o propósito de trazer melhorias para o Brasil.

Relatando as melhorias que Prestes reivindicava não era para inferiorizar o Brasil, mas para que tivesse respeito e justiça perante a classe social inferior. Contudo, as sucessivas mortes que sucediam não se deu destaque em bibliografias. O cenário da coluna é apresentado em dois aspectos, o positivo e o negativo, não há como dizer que tenha existido só o lado positivo da coisa. Sair pelo Brasil naquela época, lutar por causas justas e necessárias para o futuro de país iria alavancar uma mudança radical de mundo, mas temos que ser realistas, a coluna por onde passou deixou muito desastre, mortes, saques e daí por diante. Perceber que Prestes era o comandante da coluna, mas ele sozinho não fazia jus a tanta revoltas e confrontos que ocorreram no Brasil.

Analisar Carlos Prestes nos permite de um olhar diferenciado, olhar não só o aspecto de tanta revoltas e arruaças e que muitos depoimentos trazem mortes e desgraças. A Coluna se resume basicamente a isso pra muitos que tem em mente aquilo que seus familiares viveram. Mas há dois pontos a se apresentar, o aspecto positivo e negativo da Coluna nessa década. E como próprio Seu Possidônio aponta, o lado negativo quando não tinham o conhecimento sobre as coisas, depois de relatos e grandes obras como da ilustre Anita Prestes foi com que o não dito virou dito pelos bibliográficos, a verdade ia ser referendada.

Positivo, quando olho pra Prestes e vejo um homem de garra e que em meio a tanta coisa decorrente no Brasil ele teve a capacidade de querer ir mais além, de mostrar que se pode lutar por direitos e que todos aqueles que o acompanhavam fazem um conjunto, pessoas que tinham o mesmo objetivo, analisar, assim, que o país estava extremamente desajustado e meramente inferior, mas, havia pessoas que queriam mudanças no quadro brasileiro. Prestes, então, é referendado por muitos como esperançoso. Sim, caros leitores, muitos traziam essa designação porque era isso que Prestes tentava buscar no Brasil, esperança.

Todavia, temos o aspecto negativo da Coluna, mortes, massacres, saques, arruaças, são momentos de pânico para muitos que viveram o drama quando a coluna passava por cada

cidade. Por onde passava deixava a sua marca de destroços e a cidade ficava um verdadeiro caos. Verdadeiramente isso tem que ser tratado e frisado para o leitor, a dois lados da Coluna Prestes, positivo e negativo.

Assim sendo, vamos abordando o que muitos bibliógrafos pensam sobre ele. Podemos retratar outro literato falando sobre Prestes, Graciliano Ramos, o mesmo destaca uma publicação da Classe operária, em 1949, onde argumenta sobre Luís Carlos Prestes.

O que sucede a Luís Carlos Prestes ocorre, em maior ou menor grau, a todos os indivíduos forçados a romper o casulo e entrar na vida pública. Não os veem como de fato são: enxergam-nos através de lentes deformadoras. Qualquer literato sabe isto: pequenas alterações, acumuladas, chegam a transformar uma pessoa: a frase largada na livraria modifica-se no jornal, emprestando a um sujeito opinião que ele nunca teve; críticas sagazes decifram complicados enigmas em livros comuns. De repente surgirmos autores de pensamentos alheios, recebemos ataques ou elogios por uma entrevista dada pelo telefone, em meia dúzia de palavras desatentas. Ora se tal acontece, ao modesto colecionador, de ideias mirins, em país analfabeto, que não se dará com o dirigente político, em horas de efervescências como as atuais? Lenda? Com certeza. Mas na história também fervilham exageros e às vezes conhecendo as deturpações, não nos livramos delas, tantos nos imbuíram. Conseguiria o homem assim crescido eximir-se da grandeza e readquirir o tamanho natural? Pouco provável. Esse gigantismo significa a força criadora da multidão. Tolice negá-lo ou condená-lo. É um fato. Não se improvisa, não se encomenda absurdo pretender forjá-lo nas escolas ou na caserna, com hinos e lugares comuns. Está no espírito do povo e não extirparemos daí...

...Certo não concedemos auréola a Prestes o que nos atrai nele é a parte humana, de ordinário deixado na sombra...

Logo nos surpreende, ao conhecê-lo uma desmedida paciência. Criatura tão cheia de ocupações acha vagar para longas cavaqueiras. Quatro anos atrás cavalheiros abundantes o amolaram com receitas admiráveis para salvar a pátria.

... Chegamos agora a um ponto em que não distinguimos nenhum sinal de oposição: há em Prestes uma dignidade fundamental, incontrastável. É a essência do seu caráter. Admiram-no com exaltação, odeiam-no com fúria, glorificam-nos, caluniam-nos. Seria difícil achar quem lhe negasse respeito à austeridade imutável, maciço, que o leva a aprontar serenamente duras fadigas e sacrifícios horríveis, coisas previstas necessária. (RAMOS, 1949)

Decorrente ao que Graciliano Ramos aborda no texto “A classe operária” podemos nos deparar um olhar sobre Prestes como desbravador sem medidas, uma criatura que sai vagando em meio o Brasil inteiro em prol de benefícios que seriam ou não alcançados, era de admirar-se com tanta aptidão e desbravara a vontade de lutar por um Brasil mais justo e digno e como aponta Ramos não podemos julga-lo ou condená-lo até porque cada qual tem sua opinião.

Analisar Prestes na sua fase de comandante da Coluna não é tarefa fácil, pois tem que se averiguar as posições do “dito e não dito” como Certeau indaga. Não podemos apenas

julgá-lo e massacrá-lo, sem antes analisarmos todos os aspectos sobre sua forma de deliberar a marcha colonista. Não estou aqui indagando Prestes quando entrou no partido comunista e quando o mesmo foi para fora do país depois que a coluna teve fim, e sim trazer o olhar para o simbolismo que Prestes obteve para nós brasileiros frente à elaboração da Coluna.

Não estaria aqui para dizer que a Coluna não teve seus lados negativos, muitas mortes se sucederam com a passagem da mesma pelas regiões, além de massacres e ataques a prefeitura a fim de queimar todos os tipos de documentos, além de saquear armazéns e comércios para conseguirem mantimentos para sobreviverem. Mas olhando pelo olhar de Graciliano Ramos não podemos apenas condená-lo ou julga-lo sem antes fazermos uma análise de quem foi Prestes e depois disso cada qual pode formular uma opinião ao seu respeito.

Antes de saber o que a história *diz* de uma sociedade, é necessário saber como *funciona* dentro dela. Esta instituição se inscreve num complexo [Pg. 076] que lhe *permite* apenas um tipo de produção e lhe *proíbe* outros. Tal é a dupla função do lugar. Ele *torna possíveis* certas pesquisas em função de conjunturas e problemáticas comuns. Mas *torna* outras *impossíveis*; exclui do discurso aquilo que é sua condição num momento dado; representa o papel de uma censura com relação aos postulados presentes (sociais, econômicos, políticos) na análise. Sem dúvida, esta combinação entre *permissão e interdição* é o ponto cego da pesquisa histórica e a razão pela qual ela não é compatível com *qualquer coisa*. É igualmente sobre esta combinação que age o trabalho destinado a modificá-la. (CERTEAU, 2000, p.68).

Partindo disso temos que observar o meio social em que Prestes estava inserido, ele era um comandante do exército, sem contar seu laço de perda familiar e ensinamentos e o Brasil estava passando por diversas situações com a passagem do Império para o período Republicano como salientado no primeiro capítulo deste trabalho.

O meio no qual Prestes estava inserido para fazer acontecer à marcha da coluna pelo Brasil não era em uma época favorável para isso, até porque os meios que eles tinham eram poucos. Além do que o Brasil estava politicamente arruinando, a classe média urbana fora injustamente inferiorizada e foi por causas dessas injustiças que Prestes decide marchar pelo Brasil afora para conseguir melhorias para nosso país, não podemos condená-lo enquanto a este aspecto, querer o bem e ter a perseverança e juntar comandantes para irem consigo fazer travessias pelo Brasil em prol de melhorias não era uma coisa maligna, contudo, o Brasil estava sofrendo muito com crises econômicas, políticas e financeiras, fazer sucessivas revoltas pelo estado que o Brasil se encontrava na época, além do que para manter a coluna houve grandes saques e os que tentavam lutar contra os colonistas acabava sendo mortos,

além de ter o choque contra as forças governamentais que era bem mais equipada do que os seus armamentos.

É difícil escrever sobre Prestes, falar de suas qualidades e também do que chamaremos seus defeitos, para tentar compor sua personalidade. Elogiar é fácil, assim como apontar seus defeitos também o é. Por isto, Prestes é mostrado como um santo, que as tendências hagiográficas gostam de exaltar ou como um verdadeiro demônio. (VIANA, 1959)

Aponta que Luís Carlos Prestes foi visto para muitos como um herói, Cavaleiro da Esperança e acima de tudo um ótimo comandante e com princípios igualitários para a quebra da República Velha. Por outro lado, temos um Prestes visto por Vianna como um anti-herói, arruinador de moradias, fazendas, casas, além de ter sido um péssimo político.

Vejo Prestes como uma personalidade notável, com suas grandes qualidades e seus defeitos, Às vezes grandes também. O que fascina nele é justamente encontrar a grandeza, a dignidade humana e política de sua personalidade, com todas as suas deficiências e com todos os erros que cometeu. Prestes foi um grande general, um mau político, uma figura humana notável.(VIANA, 1959,p.2).

Visto assim, observa-se que Prestes é sim tido como uma figura notável e de diversas vezes atraído por muitas polêmicas tanto no seu âmbito político como sendo um comandante da coluna.

Temos que ter em mente que Luís Carlos Prestes queria a quebra da política tida por nome, República Velha, a quebra de uma política insatisfatória e de nenhuma forma igualitária. O que Prestes demandava era uma forma de governo igualitária e satisfatória para todos, acabar de vez com as injustiças que prevaleciam. O pensamento e as ideias dele eram dignas de se fazer justiça, isso que o Brasil precisava realmente.

Prestes foi um homem de sua época, e tomou dela o que havia de mais avançado dentro de seu grupo social, o revolucionaríssimo tenentista: acabar com a corrupção da República Velha, lutar pela justiça (muito mais eleitoral do que social); acreditar no progresso da nação, capitaneado por sua elite pensante, honesta e capaz, eles, os militares. Tais valores estavam amalgamados com os que lhe foram inculcados em casa: honra, solidariedade, honestidade; e no quartel: disciplina, e respeito a hierarquia. Foram os parâmetros segundo os quais traçou o caminho de sua missão, de seu dever a cumprir. (VIANA, 1959, p.1).

Luís Carlos Prestes nasceu pra fazer a história acontecer, a sua história, e deixou a sua marca em todos os brasileiros que viveram naquela época, ou os que leem a seu respectivo respeito, ou que vivenciaram a passagem da coluna ou pessoas que tiveram contato

diretamente com ele. Pode perceber nessas entrelinhas o lugar social que Prestes ocupa, falar sobre Luís Carlos Prestes pode ser meramente fácil para uns, mas pode ser difícil para outros e muitas vezes dizer sobre ele implica em críticas, como o caso do jornalista William Waack que retrata tal ideário em seu livro “Os Camaradas”.

De acordo com Michel de Certeau o dito é aquilo que podemos encontrar em várias bibliografias e falas que nos dão esse aspecto, é também é a não percepção daquilo de negativo que a pessoa tenha, falar apenas coisas agradáveis sobre algo/alguém, mas nunca colocam em questão os aspectos negativos que transcorre um feito. Muitas vezes analisamos tanto um aspecto positivo de uma pessoa que nos esquecemos de olhar seu lado negativo, sendo que para a população que vivenciara a passagem da coluna não tinha o dito em mente, não tinham noção do que Prestes queria para o Brasil e muitas vezes criticavam sem saber de sua história.

Como comentado nas falas de muitos bibliógrafos anteriormente, podemos perceber neles o aspecto do dito, aquilo que Carlos Prestes falou como foi no caso da sua filha, em seu livro, ele foi o autor principal, pois ele e seu bando que davam a entrevista e fazia-se assim o livro acontecer, nesse sentido, observa-se ainda Graciliano Ramos, Jorge Amado, o historiador Werneck Sodré que irei retratar mais adiante, onde não dão um aspecto positivo de Prestes, na realidade todos os autores que aqui estão veem seu lado positivo como aspecto da coluna ter entrado em vigor.

O lado negativo? Fica a mercê de muitas pessoas que passaram por perdas, mortes da sua família por um representante da coluna, ou na fala de alguém que o vê com um ódio depois quando ele vira comunista e tal, mas como comandante da coluna da década que aqui trabalho. Os livros mostram a passagem da coluna, exaltam Prestes, mas isso só ocorre depois que o mesmo com a divulgação de várias obras, inclusive “A Coluna Prestes” como aponta “Possí”.

Tanto Aparecida Wellika Bezerra de Sousa como Ana Paula Almeida demonstram por meio de entrevistas com pessoas que tem relatos da memória da passagem da Coluna ou que sabem dos seus parentes e recordam na memória, se tem um aspecto estritamente negativo da Coluna, e falar de Prestes? Esse aspecto não se verifica nos trabalhos, está aí uma enorme diferença, pois a Coluna (formado por um conjunto de pessoas) e Luís Carlos Prestes (pessoa física, de pensamento e opinião própria).

Prestemos atenção, as pessoas que narram memórias do feito da coluna, falam da mesma e não de Prestes, em nenhum momento se pode perceber a fala de Prestes fez isso, fez aquilo, matou pessoas da minha família, saqueou meu armazém, enfim, isso você não ouve, o

aspecto que temos que muito observar, falam que a coluna trouxe destroços, mas não diz que Prestes o fez. Por isso diversas bibliografias tiveram que fazer jus a Carlos Prestes como um homem que fez a história do país, que tentou mudar o mundo, que foi com a força e a coragem lutar pelos ideais das classes inferiores principalmente.

Ele é aplaudido por muitos, também criticado. Nessa década não como Luís Carlos Prestes, como Coluna Prestes, ele era o comandante da mesma, fez direito ao nome pelo seu ímpeto empenho, mas, o lado negativo também se sobressalta sobre ele porque ele fora quem passou a comandar o movimento, nem tudo é controlável, contudo, ele teria o nome estampado em diversas revoltas e ser o nome da coluna faz com que ele tenha uma autoridade maior que os outros, não é que os outros não tenham, fizeram com que ele fosse à cabeça da coluna.

Prestes, então querendo ou não, assimilando ou não, é um fato. Uma crítica que caía sobre a Coluna, feria instantaneamente a Luís Carlos Prestes. Todavia paremos para pensar, a Coluna levou o nome de Prestes porque o aplaudiam com exatidão ? Ele era admirado por muitos, visto como amigo dos companheiros de revoltas, mas, sobretudo, tinha seu nome cravado nas sucessivas revoltas: “Coluna Prestes”, então uma crítica cai sobre a coluna, cai sucessivamente nele, apesar de tudo, se ele foi mau político ou o que aconteceu depois quando embarcaram pra Bolívia e voltaram de lá não entra em questão neste trabalho. Entramos em questão um peso muito grande que Prestes teve e até hoje tem, ter seu nome cravado na história, um peso maior ainda de várias pessoas lhe criticarem ou lhe aplaudirem pelo que você fez. E esse é o papel não só dele, de qualquer cidadão ser aplaudido pelo que fez ou ser julgado por algo.

E esse aspecto depende estritamente de como você o analisa, julgar sem adquirir um conhecimento é errado, por isso que surgiram tantos e tantos trabalhos a respeito da coluna. Não dá pra você ter um campo cognitivo de resposta se é ou não um “herói”, mas ter em vista uma análise bem mais avantajada e instigada e, principalmente, alavancar sempre questionamentos sobre algo. Partindo assim, vamos analisar um pouco um filme, creio que conhecido por muitos, “O velho” retrata a vida de Luís Carlos Prestes como representante da coluna e como foi à junção da mesma, o filme trás aspectos da fala de Prestes, mas o que me chamou a atenção foi o comentários do historiador Werneck Sodré da o seu depoimento a respeito da coluna e sobre Luís Carlos Prestes da seguinte forma:

Mas tudo tá ligado a agonia da chamada República Oligárquica, onde a representação política era inteiramente falseada, tudo isso culminou no episódio de 1922, manifestação de descontentamento violenta, ardorosa e

heroica evidentemente. Prestes era um homem de prestígio militar, admiradíssimo por todos os seus contemporâneos e capitão jovem, Prestes foi capitão nos seus 20 e poucos anos e me parece que aos 23 anos, capitão de engenharia, oficial brilhante, com uma carreira brilhante...(JOSE, 1997)

Como representa Sodré, Prestes estava instigado com a república oligárquica que estava no poder, por isso o seu enorme interesse em sair pelo Brasil afora trazendo ou fazendo justiça. Ele era jovem quando decidiu servir o exército, seu pai falecera cedo e ele que tinha que tomar conta da mãe e da família. Então, enfrentava trabalhos árduos como militante para da poder uma carreira exemplar e se espelhar no seu pai era um dos seus principais objetivos, quando se viu que o seu país estava virado de cabeça pra baixo, decidiu ele mesmo frente a capitão percorrer o Brasil para ajudar a classe média urbana, mas, principalmente para mudar a situação em que se estava.

Sodré não retrata Prestes com maus olhos como podemos perceber no relato anteriormente citado, admira-o como capitão brilhante e nele tinha uma carreira pela frente. Prestes fora um militar bem sucedido, lutou para sustentar sua família, e tentou mudar o mundo.

Numa reportagem dada no programa do Jô Soares, em 1988, Prestes retratou depois da Coluna o seu olhar sobre ela, e a partir da entrevista podemos perceber o quão ele queria a mudança no Brasil. Ele queria o que já foi tão retratado anteriormente, mudanças no setor eleitoral, na educação, na classe média urbana, queria um Brasil mais justo e menos ganancioso, como Prestes aponta, antes mesmo de se ter eleição, já sabiam quem iam vencer e esse sistema era totalmente ilógico, sem o mínimo de preceitos necessários, por isso coluna fez ocorrer pelo Brasil em prol de benefício e não carregava e nem pregava em si nenhuma ideologia, apenas queríamos mudanças em diversos setores, mas principalmente a destituição do atual presidente da época, Arthur Bernardes.

Desta forma, o que mais nos chama a atenção e por isso resolvi trabalhar as interpretações em torno de Prestes em relação a sua posição frente à mesma, as cartas que sua filha Anita Prestes enviava para Possidônio Queiroz, ambos falam de Prestes com uma simplicidade e tinham um afeto por ele, inclusive “Possí” que nem era do meio político e se interagia mais com o seu aspecto musical, mas ao mesmo tempo teve uma interpretação impar sobre Prestes, além do que, quando o mesmo voltou a Oeiras depois da passagem da coluna pela cidade, fora “Possí” que proferiu o discurso em sua homenagem.

A princípio, as cartas começaram a ser trocadas por Anita, pois a estava intrigada por um mapa que se encontrava em posse da família Tapety que possivelmente esse mapa era o

aspecto fundamental para expor a passagem da coluna por Oeiras, mas como não fora possível esse achamento, nem expôs a cidade de Oeiras em sua obra. Quando ambos trocam cartas ele trata o seu pai como um herói e que achou a sua obra “A coluna Prestes” uma belíssima obra que fora justamente esse enfoque que queria dar ao meu trabalho. Fora com o trabalho de Anita Prestes que, como Possidônio fala, muitos tinham uma imagem negativa da passagem da coluna, mas depois da obra da “digníssima patrícia” iria alavancar a quebra dessa imagem.

Como observa Roger Chartier (CHARTIER, 2004), investigar os usos do escrito ajuda a compreender os modos como uma comunidade ou os indivíduos constroem suas representações sobre o mundo, investindo-o de significados plurais. Permitindo associar práticas sociais e subjetividade, a correspondência é um espaço privilegiado para a observação da relação do indivíduo consigo mesmo e com os outros.

As correspondências enquanto fonte são conhecidas dos historiadores. É preciso lembrar que ler uma carta é entrar em uma história sem conhecer a primeira palavra, sem saber o que aconteceu antes nem o que chegará depois, o que se disse antes, nem o que se dirá depois.

Entrar no mundo das cartas é saber analisá-las compassadamente e com um olhar bem mais aguçado de quem envia, de quem o recebe e vice versa, além de ter uma relação próxima com o mundo exterior, como é caso de Anita e Possí. A relação dos dois era de comum afeto, pois ambos tratavam do pai com grande cordialidade, além dela enviar o seu livro a “Coluna Prestes” para Possí e o mesmo indaga.

“Acabo de receber a pouco instantes, o volume de “Coluna Prestes”, importante obra da digníssima patrícia. Tanto que recebi, corri ávido a folheá-lo e verifiquei que se trata de uma grande obra, que vem enriquecer e clarear um grande período da história, pois a coluna prestes representasse na nossa história um capítulo singular. Com a minuciosidade com que escreve, esmaltando o trabalho com citações intocáveis, documentos e com fotos, trás a valiosa obra, notável, irretorquível contribuição, a desfazer as distorções em torno da verdade, verdadeira.” (Queiróz, 1976)

Esse trecho da correspondência deixa bastante claro que Possí via a obra de Anita como algo que ia mudar a verdade do que muitos viam, e vivenciaram, as ruínas, as tragédias, a obra da digníssima vinha então para distorcer essa versão que se pesa tanto em torno da coluna como em torno de Luís Carlos Prestes, por isso abordei tanto os dois aspectos no decorrer do texto. Muitos tem o lado negativo de ter vivenciado a coluna, memórias de parentes e assim vai, mas os livros trazem o que Possidônio argumenta “desfazer as distorções em torno da verdade, verdadeira” e era realmente a quebra de imagens que muitos tinham sobre a coluna.

A correspondência traz comentários dos textos de um, feito pelo outro. Também transmite observações a respeito da atividade de leitura e pesquisa. As cartas trocadas deixam ver a disponibilidade de ambos para uma relação entre iguais, havendo exibições de respeito mútuo pelos trabalhos. Bem retratado esse aspecto, a admiração de Possí pela obra e o respeito e comentário sobre ele e o mesmo segue.

“ Das várias obras que tem escrito em torno de extraordinário acontecimento, certamente será este o mais importante, visto que, calcada na palavra do próprio, inesquecível CAVALEIRO DA ESPERANÇA. Os amantes da história lhes serão muito gratos por essa obra que acaba a inteligente escritora de brindar as nossas letras, obra escrita com amor filial, mas sobretudo com mérito da inserção de ânimo” (Queiróz, 1976)

Percebe-se aí uma admiração muito grande pelo trabalho de Anita Prestes como muitos tem, realmente é um trabalho que carrega nele imagens e relatos inenarráveis da passagem da coluna, por isso Possí destaca que a verdade verdadeira ia ser distorcida com o livro “A Coluna Prestes”, o aspecto negativo era exatamente aquilo que as pessoas pensavam negativamente ao seu respeito, o dito esta ancorado com a apresentação do trabalho da filha de Prestes, como também em outras obras.

Analisa-se que Possidônio era amante da música, sempre tocava sua flauta, admirável personalidade. Mas, o que me chamou a atenção foi que Possí se encantou pela coluna e acolheu-se a os colonistas que em Oeiras passaram, porque a maioria possuía algum tipo de instrumento. A música fez com que chamasse a atenção da coluna para ele, mas não só a música, ele viu o olhar de Prestes, esteve cara a cara com ele e fez ver que Carlos Prestes queria o melhor pelo país, tanto que quando o excelentíssimo Luís Carlos Prestes volta a Oeiras pela segunda vez foi o mesmo que discursou em solenidade.

Quando os colonistas passaram por Oeiras foram todos acolhidos por Possidônio e repousaram onde hoje é o museu de arte sacra. Lá ficaram todos, inclusive Prestes que teve contato direto com Possí e depois mais adiante com a sua filha, Anita Prestes. Trouxe para o meu trabalho ele porque o admirei quando vi as bibliografias que pautam a seu respeito. E destacar o que venho trazendo ao longo do meu processo de conhecimento o olhar sobre a coluna sempre pelos dois aspectos, mas para Possidônio tudo muda quando Anita publica seu livro para distorcer o que havia de mais negativo na cabeça das pessoas. Mas, mais admirável ainda que ao invés de correr da coluna como quase todos da cidade fazia, Possí foi lá e os acolheu.

Sendo assim, vamos ao discurso que Possidônio faz para Prestes pela segunda vez quando esteve em Oeiras, aos 90 anos de idade, discurso esse de admirável conceito e de

estrita exatidão pelo empenho que Carlos Prestes fez para o país e fecha justamente com a quebra que Possidônio e muitos historiadores queriam que não ficassem com uma imagem negativa do mesmo pelos anais da história, por isso tantas interpretações pautadas no dito.

A vossa vinda a Oeiras é motivo de satisfação para ex metrópole do Piauí... A vossa esperança, hoje, nos anais dos acontecimentos marcantes da vinda de nossa terra, com um fato histórico, a guardar-se para posterioridade. Já estivestes aqui, Senhor, em permanência mais demorada que a de agora, nos idos de 1926, pelo mês de julho, quando a nação se estorcia, gemendo sob os tenazes de um governo de exceção, quando o Brasil vivia sob ministrativo em contínuo estado de sítio, trazendo arrolhadas as consciências inquietava alma dos filhos da terra de Santa Cruz, naquela época estivestes aqui a frente da renomada Coluna Prestes, e aqui, com outros bravos, vos demorastes por vários dias. (Queiróz, 1976)

Essa passagem primeira do discurso de Possí nos é dado claramente a esperança nos olhos de quem por Prestes proferia, existe na mente todo sacrifício feito pelos brasileiros e toda a esperança que Carlos Prestes queria para o Brasil, infelizmente tiveram que partir para Bolívia, mas a revolta de 1930 só ocorrera porque Prestes fez acontecer e deixou as marcas, então ele era um esperançoso sim, tinha que se ter em mente tudo que ele viveu para deixar seu nome na história e deixou “ Cavaleiro da Esperança”.

Com o vosso idealismo, coragem e prestígio, preparastes com os outros, um levante na terra pampas, es enfins de outubro a começo de novembro, abrindo caminhos faça de reencontros sangrentos, fortes vos juntar, com os valorosos companheiros que vos acompanhavam aos durados revolucionários paulistas, iniciando-se, então, a lebre coluna que a marcha da célebre coluna que a história acolheu com o nome de Coluna Prestes. O ano de 1925, foi, pode dizer-se, a das grandes marchas e contramarchas iniciadas por vós no Rio Grande do Sul e postas em práticas na enorme caminhada por todo o Brasil, marchas e contramarchas, mais desenvolvidas em 1926. (Queiróz, 1976)

Nessa parte do discurso Possidônio descreve a passagem de Oeiras que foi mais duradoura do que a daquele dia que estava sendo feita a fala para Prestes, além de transcorrer sobre os emaranhados anos de 1925 quando ele começa a marcha no Rio Grande do Sul. E Possí fecha o seu discurso com o que hoje tem de mais precioso, as marcas que Prestes teve na história.



Figura 7 - Luís Carlos Prestes e o Senhor Possidônio Queirós no dia do discurso em Oeiras proferido pelo Senhor Possidônio Queirós.

Fonte: Acervo pessoal de Shayane Avelino.

Desta feita, temos em vista que a foto acima mostra o local onde à solenidade em que Possidônio fez o discurso para Luís Carlos Prestes, nestes podemos perceber que “Seu Possi” proferiu o discurso acolhendo e destacando o mesmo como um esplêndido acontecimento de relevo.

Exmo. Luís Carlos Prestes a vossa marcha pelo interior do Brasil foi para vós, como um extraordinário, magnífico e alto compêndio de geografia pátria, por qualquer faceta que se queira apreciar.

Vistes a grandeza potencial do gigante, que alguém, disse atormentado em berço esplêndido e que é preciso ser portado. Contemplastes os campos ubérrimos, as terras férteis em que se podem praticar todas as culturas vegetais, porque tudo aqui já dizia o primeiro cronista brasileiro...

... Nas horas salientes das noites límpidas do Nordeste calcinado, quando a coluna desmoitava, ouvidos e olhos atentos, percrutáveis os runaes da floresta e vigiáveis com os astros, sofrendo, matutando a pensar no futuro da Pátria, que tanto quereis, a qual tanto quereis.

... O vosso maior sofrimento, porém, nascia e se alinestava da visão que vos oferecia o povo iguano, um grande.

... Oeiras, Exmo.Senhor, nos idos de 1927 vos conheceu comandante da coluna que hoje tem o vosso nome. Vários dias demorastes aqui. Foram dias tranquilos para a extrema metrópole do Estado. Vossa presença era penhor de segurança para a população da velha terra. Agora experimenta a cidade invicta, novamente, a satisfação de vossa presença, já não Omo aquele guerreiro que combatia os demandas do governo e conhece. Como líder cujo nome extrapolou nas fronteiras nacionais e se espairou por outros povos deste, a do continente europeu.

... Reverenciamos o homem, o patricio ilustre que exerceu uma página heróica como chefe da Coluna Prestes, página que estremeceu o mundo fazendo com que naquela época, muitas nações tivesse, os olhos voltados para nós. O Instituto histórico de Oeiras, Exmo. Senhor Luís Carlos Prestes vos da boas vindas a nossa cidade, e vos saúda igualmente, com grande e paterna alegria, a Exma Ilustre patricia a professora Anita Leocádia Prestes, cuja presença é motivo de exaltação para a terra manter o Piauí e de grande prestígio de extraordinário para essa sessão solene.

Disse.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerar o olhar sobre Prestes e a Coluna através da memória das pessoas é algo que nos remete a diferentes discussões. Inicialmente pelo fato de que a memória não é algo pronto e acabado, ela pode alterar-se ao passar do tempo. E é basicamente isso que ocorreu no processo histórico sobre a Coluna.

Podemos perceber assim que a influência no modo de como as pessoas enxergarem o passado, onde vários indivíduos numa mesma época podem perceber o mesmo fato de forma desigual, pois para se colocar frente a questionamentos em que as pessoas pensavam que era a Coluna Prestes. Pierre Vilar, afirma que a sua história não é mera narrativa, já que não a vê como um simples relato de acontecimentos pretéritos, embora reconheça que os fatos não devem ser banidos daquilo a que ela mesma chama de “Verdadeira História”.

Por isso, durante todo o processo da pesquisa procuramos entender como se articulava as interpretações em torno de Luís Carlos Prestes depois que surgiu ao que chamamos de verdade, verdadeira e as interpretações de vários bibliógrafos a cerca de como notavam e contextualizavam essa realidade social em relação à Prestes e a Coluna, principalmente Possidônio Queiróz que trouxe o olhar de que o surgimento do livro da filha de Prestes fez com que a verdade fosse exposta as pessoas. Até porque antes como aponta Chico Castro:

O medo era aterrador. Afinal, nas trincheiras estavam parentes próximos e distantes que, mesmo sem ter em mente o significado do movimento tenentista, saíram em defesa da cidade amada, em face da indormida sanha dos invasores. O que era a Coluna Prestes para eles? Um bando de homens, de porte varonil, bem armados, vindos do sul do país, com o fino intuito de invadir a capital, tomar casas e bens, saquear o comércio, matar aqueles que se intromettessem em seu caminho, levar consigo homens e mulheres para as suas fileiras e praticar todo tipo de atrocidades, comuns aos bandidos mais perigosos. Era exatamente o que a propaganda governista passou, levando pavor e desespero[...] (CASTRO, 2010, p.15).

Nas cartas trocadas por Anita Queiroz e no discurso que Possí profere a Prestes quando retorna pela segunda vez a Oeiras, encontramos os discursos de que Queiroz, que acompanhou a Coluna durante sua trajetória em Oeiras e, portanto, constrói uma versão diferente da historiografia tradicional, que era justamente o que estava sendo proferido por depoimentos de pessoas que não tinham noção do que seria a Coluna. Ou seja, como o discurso oficial projetou a Coluna, tanto nas bibliografias, quanto no discurso que Possidônio profere. Conforme podemos ver Possidônio Queiroz inverte a história e põe Prestes no centro da história e principalmente quando surge o livro de Anita Prestes que isso muda.

Na chegada dos prestistas foi ele quem conduziu os prestistas para onde hoje é o museu de arte sacra e os acolheu e teve a dedicação a Luís Carlos Prestes cuidou e fez nascer no autodidata oirense à admiração e o respeito pelo líder da marcha que levava o seu nome. Por outro lado, havia as interpretações que referendavam por um ângulo diferente da verdade, achavam que os colunistas eram pessoas de trato a importunar a vida das pessoas.

Várias foram às interpretações sobre Prestes e os colunistas. Enquanto havia pessoas criticando e açoitando o que Prestes fazia, surgiu daqueles que não sabiam da verdade. E como Possí indaga, as bibliografias surgem para desmistificar a verdade que muitos achavam que eram e na total realidade era um preceito totalmente diferente.

Lutaram, sofreram, aforçuraram-se, numa marcha sem precedentes pelo imenso território nacional, escrevendo páginas de um heroísmo invulgar, digno do maior respeito, pondo em prática táticas militares extraordinárias, livrando-se de encurralamentos de que se dizia não poderiam sair; [...] e, finalmente, exaustos, deprimidos, quase sem armas e munições, dirigem-se, lutando sempre, rumo à Bolívia, onde se internam [...](CASTRO, 2010, p.15).

Para Possidônio Nunes de Queiroz, Prestes era sim o Cavaleiro da Esperança, com base em tudo que foram analisados, percebemos isso. As reformas políticas e sociais defendidas pelos colunistas seria uma oportunidade da camada social a qual Possidônio integrava ser vista e tratada de forma igual em um Brasil marcado pela desigualdade e assim ter a quebra do que muitos pensavam sobre a coluna e na realidade não era. Marchar junto aos prestistas, defender suas ideias, representava a defesa de sua própria causa, por isso que houve a “verdadeira retratação” daquilo que as pessoas tinham em mente.

Com tudo que foi retratado durante o texto, temos as versões historiográficas sobre a Passagem da Coluna Prestes é um evento em construção, possível de serem apresentadas novas versões e estudada por outros pesquisadores que acreditam que a história é o presente questionando o passado, passado esse, possível de ser compreendido.

A Coluna Prestes foi a mais galharda e gloriosa gesta militar de que se tem notícia em todo mundo. Seu alvo foi a deturpação do regime republicano feita por políticos que, valendo-se das posições de comando, dilapidavam os cofres públicos e a consciência nacional, vivendo nababescamente o fastígio do poder, subjogando a Nação a seus caprichos e ódios mais mesquinhos. O percurso que fizeram os “tenentes” pelo Brasil foi maior do que a macha de Anibal, de seus domínios cartagineses a Roma, em 218 antes de Cristo, e a de Mao- Tsé-tung pelo interior da China. Se a memória da passagem da Coluna Prestes pelo interior do Brasil continua viva, é um sinal de que o desejo de mudança dos rumos da política não mudou no imaginário popular nestes 80 anos de história do país. (CASTRO, 2010, p.15).

Durante vários anos a história que se tinha sobre a Coluna era extremamente diferente da visão que temos hoje, podemos perceber que há diversos personagens que fizeram parte da coluna, mas temos o nome de Prestes cravado nos anais da história. E, neste caso particular, a Coluna Prestes ganha vários contornos e nesta pesquisa quem conta a história são diversos autores e nessa árdua tarefa de investigação tem sido cada vez mais recorrente nas pesquisas, principalmente naqueles que contemplam a história local como lócus das abordagens e dos elementos problematizadores da pesquisa. Como sempre coloco “a história é uma eterna ciência em construção” e o repto é esse: a necessidade de avançarmos por estas histórias e memórias consideradas a margem da historiografia tradicional e trazer assim mais questionamentos acerca desta pesquisa historiográfica, porque a muito ainda o que ser escrito e abordado, muitas coisas ocultas ainda estão, por isso o intuito é que essa pesquisa não tenha fim e que demais pesquisadores apresentem e coloquem demais questões sobre o tema.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge Amado. **O cavaleiro da Esperança: vida de Luís Carlos Prestes**. 34ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

BATALHA, Claudio. **A formação da classe operária e projetos de identidade coletiva**. In: Ferreira, Jorge; Delgado, Lucilia de Almeida Neves(org). **O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente da Proclamação da República à Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CARVALHO JR., Dagoberto de. **Passeio a Oeiras: roteiro histórico e sentimental da cidade**. 4 ed. Recife: Gráfica Editora Apipucos, 1992.

CARVALHO, José Murilo. **Os bestializados: o Rio de Janeiro que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASTRO, Celso. **A proclamação da República**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

CASTRO, Chico. **A Coluna Prestes no Piauí: (a República do Vintém)**. 2ª reimpressão. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2010.

CERTEAU, Michel; tradução de Maria de Lourdes Menezes. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. São Paulo, 2ed., Ática, 2000.

CHALLOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano de trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle époque**. Campinas: Editora da UNICAMP.

CHARTIER, Roger (dir.). *La correspondance: les usages de la lettre au XIXe siècle*. S.l.: Fayard, 1991, p.9-10. Sobre a correspondência como fonte histórica, ver GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

FACO, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1964.

NEGRO, Antonio Luigi. **Paternalismo, Populismo e História Social**. Encontro Nacional de História, 2006.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 13 Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p. 310.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente da Proclamação da República à Revolução de 1930**. 2ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

FOSTER, M.N. **Hegel and Skepticism**. Harvard university press, Londres, 1989.

LANNA JÚNIOR, Mário Cléber Martins. **Tenentismo e crises políticas na Primeira República**. In: Ferreira, Jorge; Delgado, Lucilia de Almeida Neves (org). O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente da Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LIMA, Ana Paula Almeida. **Muitas memórias, obras históricas: A passagem da Coluna Prestes pela Velha cap. PI**. Picos, 2011.

LIMA, Rodrigo Marley de Queiroz. **Possidônio Queiroz e os tempos de ouro da música oirense**. Teresina, 2009.

LINHARES, Maria Yedda. **História Geral do Brasil**. 9ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990.316.

LUSTOSA, Isabel. **O texto e o traço: a imagem de nossos primeiros presidentes através do humor e da caricatura**. In: Ferreira, Jorge; Delgado, Lucilia de Almeida Neves(org). O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente- da proclamação da República a Revolução de 1930. Rio Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **As cidades de Possidônio: a escrita de Oeiras através de cartas**. VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar Universidade Federal do Piauí – UFPI. Teresina-PI.

NEVES, Margarida de Souza. **Os cenários da República**. O Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: Ferreira, Jorge; Delgado, Lucilia de Almeida Neves (org). O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente- da proclamação da República a Revolução de 1930. Rio Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

NEGRO, Antonio Luigi. **Paternalismo, Populismo e História Social**. Encontro Nacional de História, 2006.

PAULO, José. **O velho- A história de Luís Carlos Prestes**. Direção: Toni Venturi Música: Marcelo Goldman Narração: Paulo José Produção: Renato Bulcão e Toni Venturi Ano de produção: 1997 Duração: 105 minutos

PRESTES, Anita Leocádia. **A coluna Prestes: Prêmio Casa de Las Américas 1990**. São Paulo: editora brasiliense, 1990.

QUEIROZ, Possidônio, * **Carta encontrada no acervo pessoal de Possidônio Queiroz**. 1976.

RAMOS, Graciliano. Publicado em: **A Classe operária**, 1º de janeiro de 1949.

RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2ed. Rio de Janeiro: Editora: FGV, 2003.

ROSA, Virgílio. **A atualidade da Revolução**. In: A coluna Prestes. Ed 1ª. São Paulo, 1990.

SELEMÉRICO, Sobrado Major. **Instituto Histórico de Oeiras**. Piauí. Brasil.

SILVA, Aldo Lins. **Luís Carlos Prestes Dados Biográficos**. 1980

SOUSA, Aparecida Wellika Bezerra. **Os revoltosos na Terra do Sol**: as representações da passagem da Coluna Prestes em Picos (1924-1926). Picos, 2011.

THOMPSON, Eric. **A era do capital**. Rio de Janeiro: Saraiva, 1994.

VIANA, Marly. **Luis Carlos Prestes**. Disponível em: <http://200.145.171.5/revistas/index.php/novosrumos/article/viewFile/1959/1612>. Acesso em: 07 de agosto de 2013. Às 16:45 hs.

FONTES

O trabalho proposto terá como tipo de pesquisa a bibliográfica, primeiramente para mapear o estudo em questão e documental, onde se tem o contato mais íntimo do Senhor Possidônio e Anita Prestes.

O Arquivo deixado por Possidônio encontra-se na residência de seu bisneto Rodrigo Queiróz, um acervo de fontes tais como: as cartas trocadas por ele e Anita Prestes, o discurso proferido a ele para Prestes, trechos e passagens da coluna no jornal “ O Cometa”, livros do instituto histórico falando sobre a Coluna Prestes e sobre Luís Carlos Prestes.

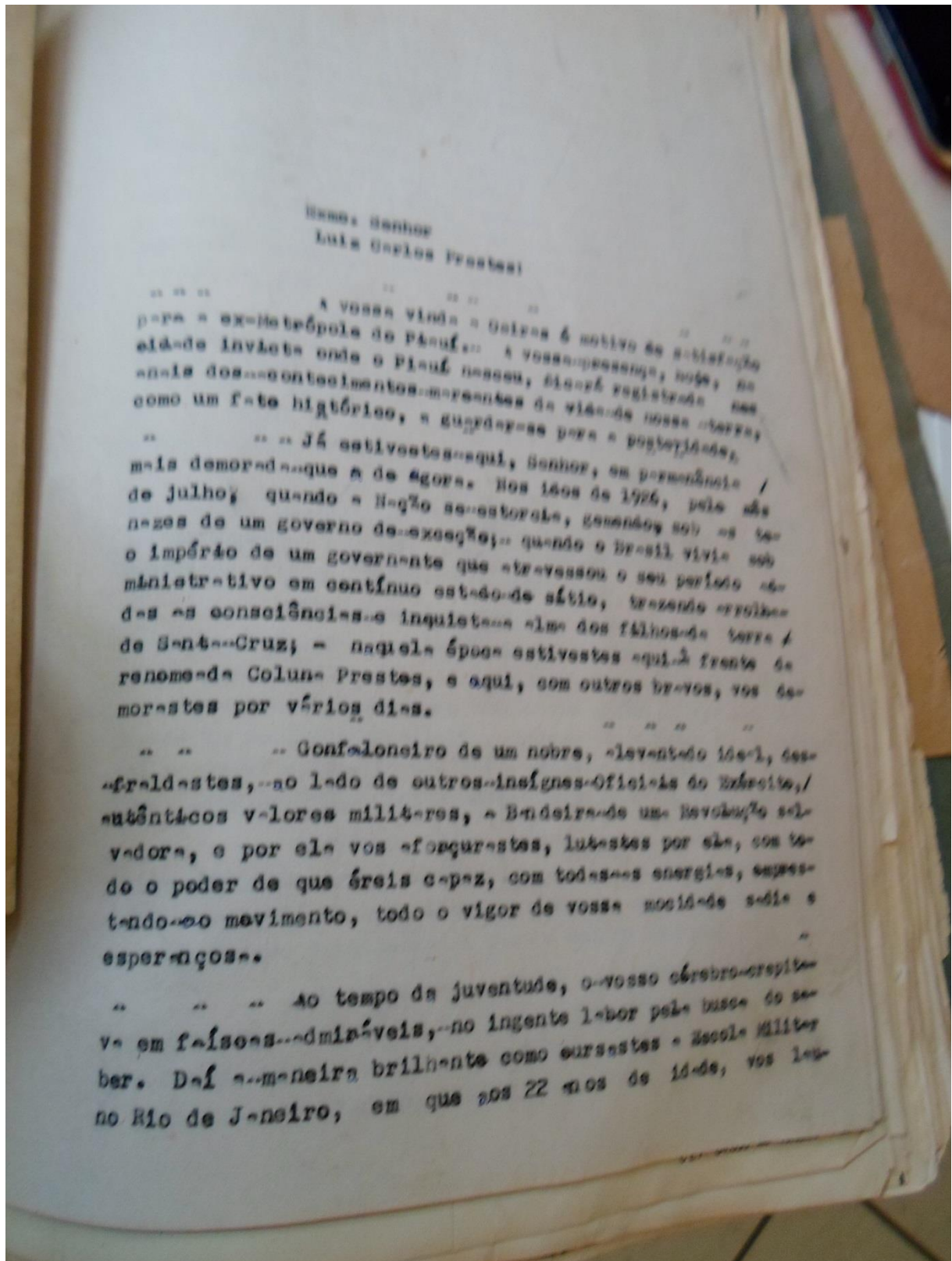
Principais Bibliografias:

AMADO, Jorge Amado. **O cavaleiro da Esperança**: vida de Luís Carlos Prestes. 34ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

PRESTES, Anita Leocádia. **A coluna Prestes**: Prêmio Casa de Las Américas 1990. São Paulo: editora brasiliense, 1990.

ANEXO

ANEXO A – Discurso proferido por Possidônio Queiróz a Luís Carlos Prestes



re-sua engenheiro, como o primeiro da turma.

Os ensinamentos bebidos na severa escola dos alunos de CAXIAS, vos sensibilizaram e indignaram por parte paterna, / herdado do vosso genitor, Oficial do Exército, que, segundo / se diz, teve ativa participação na queda do regime monárquico.

Sonháveis, então, e sonhais ainda, com um Brasil forte, rico, equânime, pai generoso de todos os seus filhos; com um Brasil em que não haja nabobos podrecendo de ricos, na expressão popular, tampouco mães fêmeas, em grandes, esqueléticas, miradas pela fome crônica, de olhos esmurcho nos filhinhos semi-mortos, como na visão dolorosa de Raul de Queiroz.

Esse sonho-patriótico por um Brasil melhor, por um Brasil-bom, por um Brasil isento de injustiças sociais, - gênese, não há dúvida, das muitas violências que nos afligem; esse sonho, melhor, esse desejo, vos levou, desde o primeiro de julho, de que, por moléstia não pudeste tomar parte, a vos insurgir contra o estado de coisas reinante.

A maldade certa, dada a lume no dia 9 de novembro de 1921 no "CORREIO DA MANHÃ", um dos órgãos mais importantes da imprensa carioca; carta insultuosa aos Oficiais do Exército, venceu fortemente o vosso alma.

Não obstante a negativa do indigente autor, o exame grafológico da missiva em apreço, lançou dúvidas, não pequenas, no espírito de muitos. Outros fatos de suma gravidade, somados a distorções que se praticavam em tudo, foram agitando o cenário político-brasileiro, aborrecendo o ânimo de apreciável parte da oficialidade, até a eclosão do segundo 5 de julho. Este em 1924. Foi o movimento paulista daquele ano.

Servíeis, então, no Rio Grande do Sul. Mas, olhos voltados para o movimento paulista, vistas, com tristeza, a sua derrocada, e a retirada dos bravos, que, sempre lutando, se deslocavam, valentemente, para a Foz do Iguaçu.

Com o vosso idealismo, coragem e prestígio, prestes, com outros, um levante na terra dos pampas, e em fins de outubro ou começo de novembro, abrindo caminho à força de recontros sangrentos, fostes vos juntar, com os valerosos /

companheiros que vos acompanhavam, os denodados revolucionários paulistas, iniciando-se, então, a marcha da célebre Coluna que a história recolheu com o nome de COLUNA PRESTES.

O ano de 1925, foi, pode dizer-se, o das grandes marchas e contarmarchas, iniciadas por vós no Rio Grande do Sul, e postas em prática na enorme caminhada por todo o Brasil, marchas e contarmarchas, mais desenvolvidas em 1926.

Era a guerra de movimento, em que com a vossa estratégia vos tornastes invencível; a guerra guerrilha de que nos fala o Apóstolo de Hain, na extraordinária e erudita disputa travada entre ele e o eminente filólogo Ernesto Carneiro-Ribeiro, no começo deste século, quando da questão celeberrima pela redação do Código Civil.

O vosso gênio militar, a tática que pusestes em prática e que desbarateava as numerosas forças, que de todos os lados marchavam contra a Coluna; constituíram página que não / fora ainda escrita nos annos da história brasileira.

O Brasil inteiro, estupefacto, acompanhava os feitos, quase inacreditáveis dos valorosos componentes da Coluna.

O General Miguel Costa, os Tenentes Coronéis / revolucionários Juarez Távora, Antônio de Siqueira Campos, / Ovaldo Cordeiro de Farias, João Alberto Lins e Barros, Djelma Soares Dutra, - falange admirável - e outros agenciados / da verdade e da justiça, convosco à frente, palmilharam, naqueles dias difíceis, indômitos, os caminhos interminos deste Brasil gigante.

A imprensa oficial infamava, cotidianamente, o nome dos chefes revolucionários, atribuindo, aos mesmos, por onde passavam, crimes inomináveis. Era preciso criar no alma do povo, um clima de repúdio, de animadversão ao movimento militar; que se fazia exactamente para dar a esse povo uma posição de relevo no contexto da vida nacional, para fazer esse povo / respeitado, para tirá-lo da simples condição de massa, para / dar-lhe vontade, compreensão de que sem o seu concurso-consciente, o Brasil não seria jamais a Grande Nação que desejamos.

A imprensa blaterava; o povo desavisado acreditava e temia. Mas, a vossa presença, por onde passáveis com a

- 4 -

Coluna, la desarticulando distorções alcivosas, despertando consciência nas populações, e não raro, conquistando adeptos.

Como Chefe do Estado-Maior da célebre Coluna, //
 íreis, por tocos admirado, respeitado e estimado. O vosso ta-
 to, a simples no tratamento com os Oficiais, a simpatia //
 com os inferiores, o senso do justo nas decisões, criaram em
 torno da vossa pessoa e do vosso nome, uma aura de verdadeiro
 carisma.

.. .. Não se pode negar, e é possível que um ou outro /
 fato desagradável, haja ocorrido durante a marcha, partido-de/
 elementos sem-nome e sem compostura. Melhor que fosse a vossa au-
 toridade, e a tñais realmente indiscutível, não possuíeis
 o dom supremo da ubiquidade.

Exmo. Senhor

Luiz Carlos Prestes!

A vossa marcha pelo interior do Brasil, foi para
 vós, como um-extra-ordinário, magnífico e alto compêndio-de geo-
 grafia pátria, por qualquer faceta que se queira apreciar..

.. Vistes a grandeza potencial do Gigante, que alguém
 disse adormecido em berço esplendido e que é preciso-ser des-
 pertado. Contemplastes os campos ubérrimos, as-terras férteis
 em que se podem praticar todas as culturas-vegetais, porque //
 tudo aqui, já dizia o primeiro cronista brasileiro, "em se-/
 plantando dá." .. Apercebestes-vos, se bem que à ligeira, da-/
 grandiosidade das nossas jazidas-mânerais, das minas inexplora-
 das, e apressy por si,--samente, para tornar-a nossa terra, uma
 das mais ricas e opulentes do mundo. Atravessastes rios ma-
 jestosos, imensas artérias, a cingir em mádidas abraços, o cor-
 po heronil da terra brasílica, e a correr-in-preveitados- para
 o mar, num desperdício enorme, sem nome, da-lífa preciosa, /
 como se o oceano ainda precisasse de mádi água.

.. Nas horas silentes das-noites lípidas do Nordes-
 te calcinado,--quando a Coluna dormitava;-- ouvidos a olhos aten-
 tos, perscrutáveis os rumores da floresta, e vigiláveis com-
 os astros, sofrendo, matutando a pensar no futuro da pátria, a
 que tanto queríeis, à qual tanto quereis.

.. .. O vosso melhor sofrimento, porém, nasceu e se ali-
 mentava da visão que vos oferecia o povo ignaro, em grande /

- 5 -

parte explorado, levado vida quase infra-humana. Então, o generoso coração do Cavaleiro da Esperança, sofreu e se irritou. Não era a ira dos maus, era a ira dos bons, de que muitos vezes se vêm at-c-dos os santos e os justos, no pensamento / excelso de RUY BARBOSA.

.. Era o repúdio aos que governavam nel; aos que, em nome de uma democracia-construa, serviam-se do povo apenas como trampolim para galgar posições de mando. E uma vez alçados / a essas posições, era o povo, como só se contecar ainda, o grande esquecido. O que ainda se vê, nos dias atuais, segundo a imprensa, são as mordomias, o favoritismo aos grandes, a cessão gratuita de mansões luxuosas aos protegidos, os salários altos / funcionários fantasmag, os ordenados astronômicos aos "marajós", etc. Tudo isso, já se vê, à custa do povo. ..

.. Os vossos dignos companheiros de-lute, tinham em vós, o grande-Conductor. Tanto que, encarrada a marcha heróica, sustentad-qu-se incrivelmente durante mais de-dois anos - e / quando se arregimentavam forças idealistas para o arrendado de ano de 1930, era na vossa pessoa que via todos, civis e militares, o Chefe indicado. ..

Vós, porém, já não acreditáveis no regime brasileiro. O que vistes e sofrestes nos anos em que palmilhastes / as terras de-nossa Pátria, vos levaram a meditar fundamente noutra estrutura política. Os chefes militares perderam o valioso Comandante que desejavam. Houve a cisão inevitável, por todos sinceramente lastimada.

.. Mas, na alma de todos, apesar das fortes divergências de-ideal que levaram a eles e a vós para campos opostos; / - apesar das divergências-inconciliáveis, continuastes a merecer o mesmo respeito, e mesma acatamento, que a vossa inteligência, a vossa cultura, a vossa sinceridade de propósitos vos / haviam judiciosamente grangado. ..

O notável advogado, Márcelito Fontoura-Sobral Pinto, que sofreu convosco nos dias ominosos de ditadura Vargas, / que durante oito anos esteve ao vosso lado, defendendo-vos; - Sobral Pinto divergiu fortemente de vossa nova orientação. No entanto, em longa-missiva que vos dirigiu em 27 de abril de 1945, confessou publicamente o respeito, e amizade que vos tributava.

- 6 -

O Marechal Juarez Távora, figura inolvidável de
 militar brasileiro, dissentindo também das idéias expendidas
 por vós em manifesto publicado, escreveu, em réplica ao referi-
 do manifesto, a 31 de maio de 1930, o seguinte:

"Sinto, sinceramente, ter de dizê-lo, //
 pois, de há muito, me habituei a admirá-lo,
 ouvi-lo e aceitá-lo, como um verdadeiro //
 guia, por sua experiência, sua cultura, //
 sua ponderação."

Queira perdoar essa digressão. Ela me pareceu
 necessária, como um ligeiro enfoque, para mostrar ao auditório,
 a grandeza de vossa personalidade, o valor que todos os que //
 integram a renomeada Coluna, reconheciam em seu General.

Oeiras, Exmo. Senhor, nos idos de 1926, vos conhe-
 ceu, Comandante da Coluna que hoje tem o vosso nome. Vários
 dias vos demorestes aqui. Foram dias tranquilos para a ex-Me-
 trópole do Estado. Vossa presença era penhor de segurança //
 para a população da velha terra.

Agora, experimenta a cidade lavada, novamente, a
 satisfação da vossa presença; já não como aquele guerreiro que
 combatia ~~os~~ desmandos do governo Artur Bernardes. Mas como o
 Líder que o Brasil todo admira e conhece. Como o Líder cujo no-
 me extrapolou as fronteiras nacionais e se espraiou por outros //
 povos deste, e do continente europeu.

A vossa visita, disse, de começo, constituiu para
 nós, acontecimento de relevo. O Instituto Histórico de Oeiras
 promoveu esta sessão para homenagear-vos. E sente-se prazeroso
 por vos poder saudar por um dos seus fundadores, e o mais velho
 dos seus membros.

A vossa mística, Senhor, não é a da nossa Entidade.
 O Instituto Histórico de Oeiras não comunga convosco das idéias
 que esposais. Pouco importa. O arraigado sentimento alvíco, o
 extremo amor à Pátria Brasileira, nos confunde, afinal, sin-
 tonizando os nossos desejos, por um Brasil grande-soberanamente //
 justo. Embora o queiramos por caminhos que não são os mesmos.
 Reverenciemos o homem, o patriótico ilustre que es-
 creveu uma página heróica como Chefe da Coluna Prestes, pá-

- 7 -

gira que esterreceu o mundo, fazendo com que, naquela época, muitas nações tivessem os olhos voltados para nós.

O Instituto-Histórico-de Oeiras, Exmo. Sr. Luiz-Carlos Prestes, vos dá boas vindas à nossa cidade, e vos saúda com respeito e estima. Saúda igualmente, com grande e fraterno alegria, a Exma. e ilustre Patrícia, a Professora ANITA LEONÓDIA PRESTES, cuja presença ^{em nossa} ~~na~~ ^{cidade} é motivo de exultação / para a terra mater do Pácul e de grande prestígio, de extraordinário prestígio, para esta sessão solene.

Disse.

